

LUCIANE DE OLIVEIRA

**A PROBLEMÁTICA DA FONOAUDIOLOGIA
ENQUANTO PRÁTICA E VALORIZAÇÃO NOS
ESPAÇOS PÚBLICOS DE ATUAÇÃO**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso de Pós-graduação em Organização do Trabalho Pedagógico, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a Sônia Guariza A. Miranda

**CURITIBA
2002**

AGRADECIMENTOS

À Deus, que permite todas as situações da minha vida e que me concedeu a conclusão desse trabalho.

À Fundacen, que tem me proporcionado na prática, o trabalho com a Linguagem nos Grupos de Coral, Teatro e outros, além de aceitar uma escala de horários para que este Curso de Pós-graduação fosse executado e colaborar com períodos de trabalho para a realização das entrevistas em campo. À Direção Geral e de Ensino, muito obrigada!

À minha Orientadora Prof^a Sônia Guariza Miranda, por sua paciência, dedicação e profissionalismo sem limites...

À UFPR por incentivar o trabalho de pesquisa e por ter ofertado o Curso de Pós-graduação em Organização do Trabalho Pedagógico.

A todos os profissionais em Fonoaudiologia que colaboraram na realização das entrevistas.

Ao meu irmão Dalton Sponholz, por me conceder gentilmente o seu escritório para a realização do presente trabalho e de sua noiva Maria Cláudia Lara da Costa pela disposição e auxílio quando precisei neste processo.

À minha família, pelo apoio e forças contínuas.

SUMÁRIO

I. APRESENTAÇÃO	01
II. JUSTIFICATIVA – DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	02
III. OBJETIVOS	04
IV. ABORDAGEM METODOLÓGICA	04
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	07
5.1. A dimensão epistemológica da Fonoaudiologia	07
5.1.1. Estudos sobre a Linguagem	07
5.1.2. Os estudos de Vygotsky na perspectiva marxista	10
5.1.3. As palavras e sua significabilidade	11
5.1.4. A importância da fala para alguns autores	12
5.2. A Fonoaudiologia como processo de intervenção	13
5.2.1. Aspectos Históricos e Competências do fonoaudiólogo	13
5.2.2. Algumas áreas de atuação da Fonoaudiologia	15
5.2.3. A Fonoaudiologia e a Educação Especial	16
5.2.4. A Fonoaudiologia e suas mediações na interação humana	17
5.2.5. A Fonoaudiologia, inserida em outras ciências, no tratamento das lesões nerológicas.....	21
5.2.6. Desmistificando a “Linguagem” dos Fonoaudiólogos	25
5.2.7. As dificuldades encontradas pelo profissional da Fonoaudiologia.....	25
5.2.8. A difícil construção da prática interdisciplinar	27
5.3 As Políticas Sociais no Neoliberalismo	30
5.3.1. A (des) valorização da Fonoaudiologia na Educação Especial na abordagem do Estado	30
5.3.2. O descompasso: demanda reprimida / ofertas de atendimentos públicos de saúde	36
6. ESTUDO DE CAMPO	39
6.1. Caracterização do contexto investigado	40
6.2. Análise dos dados coletados	58

7.CONCLUSÕES	62
8.CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	65
ANEXOS	67

I. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho visa uma reflexão e questionamentos sobre o problema das efetivações de profissionais da saúde, especificamente fonoaudiólogos, nos centros especializados, academias, universidades e demais órgãos públicos.

Serão analisadas as formas de vinculação institucional e seus reflexos sobre a prática fonoaudiológica; a função social da Fonoaudiologia, os espaços onde a Fonoaudiologia atua e a sua situação real nos espaços públicos.

Os impactos na prática fonoaudiológica dos modelos neoliberais de gestão institucional serão também discutidos.

Dentro do sistema capitalista em que nossa sociedade tenta sobreviver, onde as necessidades básicas dessa sobrevivência nas áreas da saúde, educação, alimentação, etc não são supridas, a Fonoaudiologia busca um espaço nos órgãos públicos, para atender a demanda de uma população carente dessa área, também para a sua inserção no mundo relacional.

Um questionamento profundo será realizado em relação à prática fonoaudiológica no sentido de não ser necessária sua atuação da forma isolada como ocorre, por exemplo dentro de consultórios, pois a própria Linguagem que é a essência de seu estudo, está inserida em nosso cotidiano nos processos coletivos de socialização e em todas as áreas do desenvolvimento humano.

II. JUSTIFICATIVA – DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

A experiência profissional desta pesquisadora como fonoaudióloga em duas escolas especiais em Curitiba e no Interior do PR, com aproximadamente dois anos de duração em cada uma delas, trouxe-nos alguns questionamentos e reflexões.

As escolas especiais geralmente são conveniadas por terem a característica de filantropia, mas o Estado não se responsabiliza, não oferece condições à entidade como a demanda exige. O exercício da filantropia¹ se caracteriza pela busca de recursos na comunidade, e o convênio com o poder público tem sido definido como amparo técnico e financeiro com valores repassados à entidade; na prática os valores repassados pelo poder público têm sido muito aquém do montante necessário à execução dos programas, mesmo considerando que a participação pública representa uma parte da manutenção, pois a atividade filantrópica deve manter a sua parte. Há necessidade de uma outra política de saúde pública, que preveja o atendimento das especialidades como Fonoaudiologia, Fisioterapia, Psicologia, etc e amplie os quadros efetivos estáveis, com possibilidade de constituição de equipes interdisciplinares integradas.

Os profissionais da área da saúde ficam em segundo plano. A Fonoaudiologia é desvalorizada, pois dá a impressão que ter esse profissional ou não na instituição, é a mesma coisa, não faz diferença. Mesmo atuando com os pacientes, há uma desvalorização profissional, pois se não há verba no momento ou se ocorre uma mudança no plano econômico, são facilmente demitidos.

A questão do Estado é que há uma subvalorização dos serviços executados, tanto na educação quanto na saúde, até mesmo como critério para remunerar a área pública, ficando a área privada filantrópica com o efeito dessa lógica.

Foi possível, a esta pesquisadora, presenciar por exemplo, fisioterapeutas, que trabalhavam numa determinada instituição e “ensinavam” seus exercícios e tarefas para pessoas leigas, que tinham a função de auxiliares. As pessoas treinadas para serem auxiliares não desenvolvem o mesmo trabalho de um profissional, e sim, exercem uma prática destituída dos fundamentos dessa prática,

¹ Em definição literal de “filantropia”, o termo significa “amor à humanidade, altruísmo; ser filantrópico significa ser “amigo da humanidade; e/ou a pessoa que procura melhorar a sorte dos seus semelhantes” (Grande Dicionário, p. 345).

o que torna o seu fazer diário alienado e até prejudicial para a pessoa atendida. Terapeutas e “auxiliares” trabalhavam numa mesma sala (havia falta de espaço físico), onde comunicações paralelas aconteciam, e os pacientes ali presenciavam essa “forma de atendimento”.

Também foi constatado que quando acontecia a necessidade de contratação de um novo profissional (técnico), muitas vezes o currículo era escolhido aleatoriamente, sem uma profunda avaliação.

Em escolas especiais onde atuamos havia mais preocupação com o desenvolvimento pedagógico da mesma, deixando aos encargos dos profissionais técnicos toda a realização do seu trabalho sem uma reavaliação do mesmo ou, pela estagnação dos problemas neurológicos dos atendidos, o trabalho técnico parecia não ter muita importância e necessidade.

Não tendo disposição de recursos financeiros, os materiais fonoaudiológicos individuais eram pagos pela própria família, como por exemplo: chicletes, gaze, “dedo-de-luva”, etc.

O repasse financeiro entra na lógica da desvalorização e contenção de despesas, não havendo a valorização da qualificação profissional.

Há dificuldades financeiras para a efetivação de profissionais da área da saúde em escolas especiais e outras instituições, mesmo quando há vários convênios, tanto públicos como privados. As instituições e centros especializados públicos necessitam dos atendimentos terapêuticos, mas pela inexistência de concursos públicos, há defasagem de funcionários para atuar em sua formação e uma demanda cada vez maior da população por estes atendimentos.

A importância da Fonoaudiologia precisa ser mais reconhecida nas instituições e órgãos públicos. É preciso resgatá-la no contexto da área da saúde, nos centros especializados.

A questão da fonoaudiologia em sua dimensão epistemológica precisa ser melhor aprofundada.

A constatação de tais contradições no contexto da prática da Fonoaudiologia, bem como de outras áreas do trabalho interdisciplinar na área especializada, leva este estudo a definir seu problema: A problemática da Fonoaudiologia enquanto prática e valorização nos espaços públicos de atuação.

III. OBJETIVOS

O presente estudo objetiva investigar:

1. Os fundamentos da Fonoaudiologia
2. A função social da Fonoaudiologia
3. Os espaços públicos onde a Fonoaudiologia atua
4. As formas de vinculação institucional e seus reflexos sobre a prática de atendimento da Fonoaudiologia
5. Os impactos dos modelos neoliberais de gestão institucional na prática fonoaudiológica

IV. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Para a realização desta pesquisa, foram inseridas teorias sobre a Linguagem, Fonoaudiologia, políticas Sociais no Neoliberalismo, etc.

Foi organizada uma entrevista semi-estruturada, sendo aplicada com profissionais da Fonoaudiologia que atuam em instituições públicas.

Foram analisados os dados levantados em campo a partir dos aspectos teóricos abordados na Fundamentação deste trabalho.

Os enfoques de análise pautaram-se na abordagem qualitativa de pesquisa, e portanto, o pesquisador vai envolver em sua pesquisa, aspectos pessoais do contexto em que vive. Essas forças não podem ser negadas. Para Monteiro (1991,p.29): “O objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver, ou pelo menos em esclarecer os problemas da situação observada. Pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento à nível de consciência das pessoas e grupos considerados”.

O objetivo dessa pesquisa é entender as situações problemáticas da prática fonoaudiológica. Um aumento de conscientização dessas situações precisa acontecer.

O texto da autora Monteiro (1991) descreve sobre possíveis resistências institucionais. Ficou claro que houve este fato, tratando-se do Poder Público. As dificuldades encontradas para a realização das entrevistas foram relacionadas à parte burocrática da Prefeitura e não dos profissionais que participaram das mesmas. Houve uma hierarquia para chegar até esses profissionais dos Centros Especializados. Porém, a disposição dos profissionais em responder as entrevistas, foi satisfatória.

A metodologia de pesquisa convencional e seus resultados não dão conta dos problemas urgentes da situação atual da área da Fonoaudiologia. No Brasil, o método da pesquisa qualitativa têm crescido bastante, principalmente na área educacional. Esta deve delinear formas, variedades e tipos de fenômenos e documentá-los ordenada e detalhadamente. Depois das descobertas e de situá-las, há a explicação da realidade, num contexto maior. A observação ocupa um lugar muito importante na pesquisa. Um dos métodos da pesquisa qualitativa é a entrevista, que representa um instrumento básico na coleta de dados. Para essa pesquisa, o método citado foi utilizado e serviu como base de várias confirmações sobre o assunto pesquisado.

A pesquisadora desenvolveu sua investigação e escolheu os locais onde efetuou o estudo e os contatos necessários para o trabalho em campo.

Ainda nas citações de Monteiro (1991,p.31), segundo Lüdke e André (1986): “o pesquisador, em uma das fases de seu trabalho, busca o desenvolvimento de teorias, que é um processo que vai sendo preparado durante o desenrolar do estudo. A observação do pesquisador é muito importante. É individual em seu estudo, por isso há diferentes observações de um mesmo assunto. Deve ser então, criteriosa, controlada e sistemática”. Para Ferreira (1986), “três atitudes são importantes no entrevistador: aceitação (respeito pela pessoa e sua expressão durante a entrevista), compreensão (necessidade de ver as coisas como o entrevistado as vê, com empatia, com os olhos do outro) e sinceridade (necessidade de ser coerente)”. A entrevistadora procurou, em todo o processo da realização das entrevistas, agir com todas essas características.

Para Monteiro (1991,p.32): “o entrevistador deve transmitir confiança e empatia ao entrevistado, para que adquira deste, aceitação e disponibilidade, possibilitando a expressão dos verdadeiros pensamentos e sentimentos”.

Nas entrevistas realizadas para esta pesquisa, foram observados e descritos complementos diversos das “falas” dos entrevistados. Os aspectos não-verbais (gestos e outros) também foram observados. De acordo com as respostas obtidas, foi possível concluir que os entrevistados manifestaram suas opiniões de forma verdadeira, transmitindo assim, suas vivências e experiências profissionais.

Segundo Lüdke e André (1986,p.45), “analisar dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa” (Monteiro,1991,p.32). Sobre as fases do trabalho de pesquisa: inicialmente, a visão é mais ampla, tornando-se aos poucos mais concentrada e produtiva.

No decorrer dessa pesquisa, idéias e sugestões pessoais da pesquisadora foram colocadas, o que deve acontecer num trabalho de pesquisa qualitativa.

V. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1. A DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA DA FONOAUDIOLOGIA

5.1.1. Estudos Sobre a Linguagem

O trabalho com a Linguagem em indivíduos que apresentam necessidades especiais é essencialmente necessário, notadamente nos casos em que essa área é parcial ou totalmente comprometida. Nestes casos, a parte neurológica cerebral responsável pela linguagem no sentido de expressão e compreensão encontra-se com sérios déficits. É preciso então estimulá-la e desenvolvê-la, aproveitando ao máximo seu potencial, incentivando o aspecto relacional da linguagem, do indivíduo com outros, para que dessa interação haja o desenvolvimento esperado.

“As observações de Vygotsky na clínica neurológica começaram com a afasia, uma perturbação da linguagem. Esta escolha refletia sua convicção de que a aquisição da linguagem desempenha papel decisivo no desenvolvimento dos processos psicológicos superiores” (Luria, 1994, p.35).

Alguns conceitos sobre a Linguagem e sua importância no desenvolvimento humano:

“A capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superar a ação impulsiva, a planejar uma solução para um problema antes de sua execução e a controlar seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais” (Vygotsky, 1994, p.38).

Ainda segundo este autor: Mais tarde, os mecanismos intelectuais relacionados à fala adquirem uma nova função; a percepção verbalizada, na criança, não mais se limita ao ato de rotular. Nesse estágio seguinte do desenvolvimento, a fala adquire uma função sintetizadora, a qual, por sua vez, é instrumental para se atingirem formas mais complexas da percepção cognitiva. Essas mudanças conferem à percepção humana um caráter inteiramente novo, completamente distinto dos processos análogos nos animais superiores. O papel da linguagem na percepção é surpreendente, dadas as tendências opostas implícitas na natureza dos

processos de percepção visual e da linguagem. Elementos independentes num campo visual são percebidos simultaneamente; nesse sentido, a percepção visual é integral. A fala, por outro lado, requer um processamento seqüencial. Os elementos, separadamente, são rotulados e, então, conectados numa estrutura de sentença, tornando a fala essencialmente analítica. (Vygotsky, 1994, p.43).

Para Vygotsky, quanto à Linguagem no indivíduo, ocorre primeiramente a fala, para depois compreender e executar a escrita. A criança, em seu desenvolvimento, inicia sua comunicação primeiramente pela fala “egocêntrica”, até iniciar sua interação com o mundo. Isso a difere dos animais – a fala como intermediária das relações. No início, a fala ocorre isolada, sem significado social – são palavras soltas, como rótulos, até adquirirem significado. O ser-humano, por sua vez, vai desenvolvendo a capacidade cognitiva, onde a compreensão para a escrita é a consequência desse desenvolvimento:

“A compreensão da linguagem escrita é efetuada, primeiramente pela linguagem falada; no entanto, gradualmente essa via é reduzida, abreviada, e a linguagem falada desaparece como elo intermediário. A julgar pelas evidências disponíveis, a linguagem escrita adquire o caráter de simbolismo direto, passando a ser percebida da mesma maneira que a linguagem falada. Basta imaginarmos as enormes transformações que ocorrem no desenvolvimento cultural das crianças em consequência do domínio do processo de linguagem escrita e da capacidade de ler, para que nos tornemos cientes de tudo que os gênios da humanidade criaram no universo da escrita”. (Vygotsky, 1994, p. 154).

Ainda para esse autor:

“Assim como o trabalho manual e o domínio da caligrafia são para Montessori exercícios preparatórios ao desenvolvimento das habilidades da escrita, desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem escrita das crianças. Os educadores devem organizar todas essas ações e todo o complexo processo de transição de um tipo de linguagem escrita para outro. Devem acompanhar esse processo através de seus momentos críticos, até o ponto da descoberta de que se pode desenhar não somente objetos, mas também a fala”. (Vygotsky, 1994, p.157).

Vygotsky apresenta uma argumentação elaborada demonstrando que a linguagem, o próprio meio através do qual a reflexão e a elaboração da experiência ocorre, é um processo extremamente pessoal e, ao mesmo tempo, um processo profundamente social. Ele vê a relação entre o indivíduo e a sociedade como um processo dialético que, tal como um rio e seus afluentes, combina e separa os

diferentes elementos da vida humana. Não se trata, portanto, para Vygotsky, de uma polarização cristalizada.

Uma criança que têm dificuldades para falar ou não fala, terá seu desenvolvimento alterado, suas possibilidades mínimas de comunicação (expressão e compreensão) afetarão a mesma em vários aspectos de sua vida. A fala é um elo de interação com o outro, onde os desejos, anseios e opiniões serão manifestados e trocados para que ocorra mesmo a sobrevivência do ser humano e suas necessidades sejam supridas.

No início do desenvolvimento humano, a fala é desprovida de significado. Na medida em que o ser humano vai se relacionando com o mundo, suas capacidades lingüísticas vão se aprimorando até chegar na escrita, que é na verdade, a expressão do significado lingüístico.

Assim:

“A fala humana é, de longe, o comportamento de uso de signos mais importante ao longo do desenvolvimento da criança. Através da fala, a criança supera as limitações imediatas de seu ambiente. Ela se prepara para a atividade futura; planeja, ordena e controla o próprio comportamento e o dos outros. A fala também é um exemplo excelente do uso de signos, já que uma vez internalizada, torna-se uma parte profunda e constante dos processos psicológicos superiores; a fala atua na organização, unificação e integração de aspectos variados do comportamento da criança, tais como: percepção, memória e solução de problemas. Assim como as palavras, os instrumentos e os signos não verbais fornecem ao aprendiz maneiras de tornar mais eficazes seus esforços de adaptação e solução de problemas.

Contrastando com a bem conhecida afirmação de J.B.Watson de que o pensamento é uma “linguagem subvocal”, Vygotsky descreve em seu livro *Pensamento e Linguagem* como a criança em desenvolvimento internaliza a linguagem social tornando-a pessoal e como esses dois aspectos da cognição, inicialmente independentes, mais tarde se unem: “*Até um certo momento, os dois aspectos seguem caminhos distintos, independentes... Num certo momento esses caminhos se encontram, quando o pensamento torna-se verbal e a fala racional*”(Vygotsky, 1994, p.44).

Desse modo, o autor demonstra a eficácia do processo de conceituar funções relacionadas não como identidades mas sim como unidade de dois processos distintos (Vygotsky, 1994, p.169 a 172).

A fala na criança, inicia-se então, de forma isolada e sem sentido; na medida em que vai internalizando a mesma compreendendo e “apreendendo” seu mundo, a fala torna-se essencial para a sua socialização, para interagir com o mesmo. Assim, pode ser independente, controlando a si e o outro; manipula suas próprias ações. É através da fala que o indivíduo se estrutura na relação com o outro. Ela vai sendo construída e elaborada, para que a criança consiga resolver problemas, perceba e organize tarefas.

A fala é um dos signos lingüísticos mais importantes, porém a linguagem não-verbal não pode ser desvalorizada no desenvolvimento cognitivo da criança, pois é através dela que a criança vai se adaptando e internalizando o pensamento. A partir disso, a fala começa a ter sentido – conceitua, explica, se faz entender.

5.1.2. Os Estudos de Vygotsky na Perspectiva Marxista

Dentro da filosofia marxista, onde a transformação da natureza acontece pelo homem, nada “está pronto”, tudo é construído por ele. Constrói o seu meio, sua linguagem. Sendo assim, o colaborador de Vygotsky, Luria, descreveu em seu livro “A Formação Social da Mente”, algo sobre a transformação da natureza pelo homem:

“Os estudos de Vygotsky foram profundamente influenciados por Friedrich Engels, que enfatizou o papel crítico do trabalho e dos instrumentos na transformação da relação entre os seres humanos e o meio ambiente. O papel dos instrumentos no desenvolvimento humano foi descrito por Engels da seguinte maneira: “O instrumento simboliza especificamente a atividade humana, a transformação da natureza pelo homem: a produção”. Essa abordagem requer a compreensão do papel ativo da história no desenvolvimento psicológico humano. No livro *Dialética da Natureza* Engels apresentou alguns conceitos básicos que foram desenvolvidos por Vygotsky. Ambos criticaram os psicólogos e filósofos que sustentavam “que apenas a natureza afeta o homem e apenas as condições naturais determinam o desenvolvimento histórico do homem”, enfatizando que ao longo da história o homem também “afeta a natureza, transformando-a, criando para si novas condições naturais de existência”. (F. Engels, *Dialectics of Nature*, N. York, International Publishers, 1940, p.172). Além disso, Vygotsky argumentou que o efeito do uso de instrumentos sobre os homens é fundamental não apenas porque os ajuda a se relacionar mais eficazmente com seu ambiente como também devido aos importantes efeitos que o uso de instrumentos tem sobre as relações internas e funcionais no interior do cérebro humano” (Luria, 1994, p.177 e 178).

A Fonoaudiologia serve como um instrumento na vida do indivíduo, onde suas dificuldades lingüísticas, sua “natureza” até o momento, podem ser transformadas e

construído novo padrão lingüístico. O terapeuta buscará esta transformação ao educá-lo e tratá-lo com exercícios e técnicas fonoarticulatórias específicas para cada caso, para que seus problemas sejam resolvidos ou minimizados.

5.1.3. As Palavras e sua significabilidade

As palavras são a base da Linguagem. Com a compreensão das mesmas, iniciam-se as relações – e a Comunicação acontece – um Ser com Outro. Então, para Cappelletti, 1985, p.12:

“A compreensão opera na estrutura das relações. Cunha-se, então, o termo “significabilidade” para designar o campo ontológico para a inteligibilidade da estrutura de relações. Como tal a compreensão provê a possibilidade ontológica de que as palavras tenham um sentido significativo: é a base da linguagem. O ponto a ser enfatizado aqui é que a significabilidade é mais profunda do que o sistema lógico da linguagem; está fundada em algo anterior à linguagem e posto dentro do mundo – o todo relacional. Entretanto, apesar do poder que as palavras têm de formular significados, elas apontam para uma significabilidade que existe num todo relacional do mundo. A significabilidade, dessa forma, não é algo que o homem atribui ao objeto; mas é algo que o objeto se apresenta ao homem, fornecendo-lhe a possibilidade de palavras e de linguagem.

A compreensão e a significação juntas são a base da linguagem e da interpretação. As palavras e a linguagem não são invólucros nos quais as coisas são embrulhadas para o uso daqueles que escrevem e falam. É nas palavras e na linguagem que as coisas passam a ser e são”.

A importância crucial das palavras e enfim da Linguagem, está na relação do indivíduo com seu mundo. A Linguagem não teria sentido algum se apenas existisse como algo isolado nos seres-humanos. As relações de uns com os outros traz a compreensão e o significado da mesma. Entender e dar o “feed-back” (retorno) ao outro traz a possibilidade de construir-se como indivíduo, perceber melhor seu mundo, trocar idéias e conceituar objetos, crescer em todas as áreas, “ser-alguém-no-mundo” mesmo. Só através desta relação, é possível o desenvolvimento da Linguagem.

5.1.4. A Importância da Fala para Alguns Autores

Segundo Cappelletti, (1985,p.57-58), faz citações de alguns autores como Heidegger, 1977, p.178 e 179: *“O pensar a fala mostra o falar não apenas como um ato fisiológico, mas como o articular pleno de significados, que estão sendo ou vão ser atribuídos. O falar consciente do homem implica a compreensão e interpretação de si mesmo e do mundo que o cerca. A fala é a articulação da compreensibilidade.*

É tão interessante a ênfase que os autores têm dado no sentido de que as palavras, por si só, não têm sentido de existência, “são apenas um ato fisiológico”; a não ser nas relações sociais onde as mesmas são construídas e compreendidas que ocorre sua significabilidade. Esta relação, logicamente deve ser consciente para que tenha real sentido.

Ainda sobre a importância da fala nas relações humanas: Faz parte da Linguagem, além do simples falar, o ouvir e o ficar em silêncio para comunicar algo para alguém... A expressão facial, os gestos, toda a expressão não-verbal também estão repletos de significado em relação à fala.

A Fonoaudiologia trabalhará com todos esses aspectos da comunicação humana: além da fala, as particularidades da linguagem entre pessoas. Por intermédio dessa Ciência, pode-se compreender e analisar as possíveis dificuldades de linguagem dos indivíduos.

Assim, segundo Cappelletti (1985,p.57-58):

“Falar é a possibilidade somente de o homem existindo “no-mundo-com-os-outros”. Comunicação não se produz como as máquinas o fazem. O comunicar humano envolve a consciência do discurso, o discurso articulado, a fala expressiva do discurso, a totalidade de palavras que constituem a linguagem. “O estado de expressão da fala é a linguagem” (Heidegger, 1977,p.180). O expressar-se é o comunicar-se mediante o falado. O falar traz consigo as possibilidades do silêncio e do ouvir”.

5.2. A FONOAUDIOLOGIA COMO PROCESSO DE INTERVENÇÃO

5.2.1. Aspectos Históricos e Competências do Fonoaudiólogo

A obra de Antonio Amorim,(1982,capa e apêndice) traz na íntegra a Lei 6.965 de 09 de dezembro de 1981, regulamentando a profissão de Fonoaudiólogo no Brasil. A Fonoaudiologia , epistemologicamente, quer dizer “estudo da voz e audição”. Estuda o ser humano, enquanto usa o seu organismo num ambiente que exige a comunicação. O especialista em Fonoaudiologia é um profissional que avalia, constata e aperfeiçoa a comunicação oral e escrita.

No Brasil a referida disciplina científica tem mais de vinte anos. Como técnicas particulares ela sempre existiu. Há e sempre houve no Brasil pessoas preocupadas com o problema da comunicação humana, todavia só há algum tempo, essa atividade se definiu em nível científico sistematizado. Cumpre dizer que o núcleo de profissionais, fonoaudiólogos tecnicamente formados, em curso universitário, apareceu em São Paulo no ano de 1962. Antes porém havia pessoal habilitado no estrangeiro, em técnicas ortofônicas e outras. Não usavam efetivamente o título de fonoaudiólogo.

Nos dias de hoje, o Brasil está regulamentando a profissão de fonoaudiólogo, não tanto para assegurar direitos aos profissionais mas, principalmente para defender o povo e a Saúde Pública, de profissionais não habilitados, que vêm exercendo abusivamente práticas fonoaudiológicas.

No Artigo 6º da Lei que regulamenta a profissão de Fonoaudiólogo ficam criados o Conselho Federal e os Conselhos Regionais da Fonoaudiologia – CFF e CRF – com a incumbência de fiscalizar o exercício da profissão definida nesta Lei.

Para a autora Cappelletti, a comunicação é necessária para que o homem se torne integrante e participativo no mundo, tendo um espaço definido no mesmo. A essência da Fonoaudiologia busca exatamente isso :*“Na busca de sua essência a Fonoaudiologia surge como uma ontologia regional, um setor do real que pressupõe um “mundo” e uma linguagem e tem, como finalidade última, o homem como uma*

possibilidade. Ontologias regionais constituem estruturas essenciais em cada ciência, ocupando um espaço, um setor do real” (Cappelletti, 1985, p.16).

“Conforme o estabelecido no art. 4º da Lei 6.985, de 9 de dezembro de 1981, o Fonoaudiólogo está qualificado a desenvolver trabalho de prevenção no que se refere à área da comunicação oral e escrita, voz e audição; participar de equipes de diagnóstico; realizar terapia fonoaudiológica; realizar o aperfeiçoamento dos padrões da voz e fala; projetar, dirigir ou efetuar pesquisas fonoaudiológicas; assessorar órgãos e estabelecimentos no campo da Fonoaudiologia; participar da equipe de orientação e planejamento escolar, inserindo aspectos preventivos ligados a assuntos fonoaudiológicos; dar parecer fonoaudiológico e outros inerentes à sua formação” (Cappelletti, 1985, p.34).

A Fonoaudiologia trabalhará a linguagem de forma geral e a audição. Fará prevenção de possíveis dificuldades nessa área, através de avaliações em bebês e adultos, seguidas de orientações e tratamento.

Os problemas na área da Linguagem podem ser diversos. A Anamnese (histórico do paciente), avaliação e tratamento serão diferenciados, de acordo com cada patologia. A Fonoaudiologia detectará problemas na Comunicação Oral e Gráfica, quanto a significantes e significados; na discriminação, percepção e memória auditiva, entre outros. Estimulará pacientes que já têm alguma deficiência, para que possa desenvolver ao máximo suas capacidades lingüísticas, fortalecendo sua musculatura peri-oral, trabalhando com os órgãos fonoarticulatórios e as funções neurovegetativas (respiração, sucção, mastigação e deglutição).

Nas mais diversas patologias e mais especificamente as de causa neurológica, o profissional da Fonoaudiologia trabalhará os órgãos fonoarticulatórios, que correspondem aos órgãos utilizados para falar. Englobam: Lábios, língua, bochechas internas e externas, mandíbula, palatos duro e mole – adequando seu tônus, movimentando-os com coordenação e ritmo (de forma passiva, se for o caso). Um dos objetivos da terapia fonoaudiológica para esses pacientes é adquirir o auto-controle da sialorréia (baba). É trabalhada concomitante a aceitação ou percepção de estímulos extra e intra-orais. Os lábios devem ser vedados e o terapeuta realiza movimentos de deglutição. À medida que existe “melhora” de sensibilidade e tônus, existe melhora e diminuição da sialorréia.

O papel do Fonoaudiólogo junto aos complexos processos de construção do Sujeito através da Linguagem será tratado no tópico 5.2.5.

5.2.2. Algumas Áreas de Atuação da Fonoaudiologia

- Fonoaudiologia Hospitalar (avaliações, prevenções, estimulações, tratamentos);
- Terapias de Voz (tratamentos de alterações nas cordas vocais);
- Fonoaudiologia Escolar: Trabalhos específicos para os distúrbios de aprendizagem;
- Atuação nas más-oclusões dentárias (auxílio conjunto com os Ortodontistas), onde os órgãos fonoarticulatórios e as funções neurovegetativas serão trabalhados);
- Encaminhamentos e trabalhos conjuntos com Otorrinolaringologistas, Neurologistas, Psicólogos, etc;
- Trabalho em Indústrias (para a proteção de ruídos e orientações diversas);
- Atuação com pacientes portadores de Acidente Vascular Cerebral (A.V.C);
- Trabalho clínico (fonoterápico) com pacientes com necessidades especiais e outros que apresentam qualquer alteração na Linguagem, de origem orgânica, emocional, social e/ou outras.

5.2.3. A Audição e a Educação Especial

Ainda segundo Cappelletti, em relação a outros autores, que descrevem sobre as pessoas com deficiência auditiva e sua inserção na sociedade: *“Um ser com o outro podem encontrar-se no silêncio. Podem compreender-se melhor no silêncio do que quando lhe faltam palavras, ou quando articulam corretamente com timbre e tonalidade de voz adequadas, modulação e “tempo” de fala esperados como “norma social”*(Cappelletti, 1985,p. 12 a 68)

As pessoas com deficiência auditiva comunicam-se através de gestos e sinais, pois lhe faltam as capacidades lingüísticas da audição e fala. Mas o silêncio não impossibilita a prática da comunicação especial citada e a compreensão do mundo em suas relações próprias. Com o trabalho fonoaudiológico e as estimulações necessárias, podem desenvolver sua Linguagem, aproveitando ao máximo o potencial lingüístico existente dentro de seus limites.

A Educação Especial deve buscar em seus profissionais de atuação na reabilitação auditiva, o auxílio no desenvolvimento lingüístico da criança, ensinando-a como se comunicar, chegando ao nível mais próximo possível do desenvolvimento normal de Linguagem: morfológico, físico e intelectual. Os exercícios fonoaudiológicos serão de grande valia para a percepção cinestésica dos sons para essas pessoas.

Dessa forma,

Noronha e Rodrigues (1974), em seu livro *O Deficiente da Audição e a Educação Especial*, escreveram para professores especializados em educação do deficiente auditivo e abordam os aspectos de desenvolvimento da criança com deficiência da audição e sua integração na sociedade, oferecendo aos professores noções básicas sobre linguagem falada, fonética aplicada, leitura da fala, treinamento auditivo, atividades morfológicas. Um dos capítulos é dedicado à preparação para a fala, contendo exercícios de língua, lábios, mandíbula e palato, além de exercícios respiratórios. A obra analisa ainda as funções intelectuais do deficiente auditivo e atividades a serem desenvolvidas com o objetivo de melhorar seu raciocínio, tornando-o capaz de resolver situações de vida (Cappelletti, 1985,p.60).

Uma das funções do profissional em Fonoaudiologia, principalmente na Educação Especial, é orientar os professores para que atuem em sala de aula, estimulando a linguagem de seus alunos, conhecendo melhor os aspectos lingüísticos que podem ser trabalhados. São orientados a realizar exercícios

fonoaudiológicos, auxiliando cada paciente em outras situações fora da terapia, para que haja uma sincronia no tratamento. Afinal, o trabalho fonoaudiológico não pode ser estanque na Educação Especial.

5.2.4. A Fonoaudiologia e suas Mediações na Interação Humana

Iniciando uma discussão aprofundada da Fonoaudiologia, inserida em todas as áreas, não se isolando como uma “ostra”, separando-se mesmo como ciência, mas sim, colocando-se nas outras ciências: *“A essência da Fonoaudiologia deveria ser buscada no Ser que fala, e que ao articular sua compreensibilidade se utiliza da linguagem. Ao encontrar-se com quadros clínicos definidos e com propostas de técnicas reabilitadoras para este ou aquele problema, perde-se de vista o ser do homem e sua linguagem”*(Cappelletti,1985,p.67-68).

Para Cappelletti, ainda que todo o material informativo da bibliografia no campo da Fonoaudiologia possa ser importante, terá valor se visto como ponto de partida para a reflexão, consciência que se volta para a sua própria atividade, num rever de pressupostos comuns e aceitos, numa procura de estabelecer perspectivas novas de ver as coisas. Esta reflexão, que surge à luz do ato criador, poderia se constituir num elemento mediador na relação terapeuta – paciente (Cappelletti,1985,p.67-68).

Segundo essa mesma autora, considerando a Fonoaudiologia como uma “ciência” humana, trata o Outro como paciente. Cada um tem seu lugar e sua função no tratamento.

A relação humana é implícita “no tratamento” e trará alguns resultados satisfatórios. Os vínculos afetivos entre os seres-humanos são capazes de desenvolvê-los como um todo e principalmente, em relação à Linguagem, pois é através da Comunicação que esse desenvolvimento ocorre:

“O encontro terapeuta-paciente em Fonoaudiologia se dá numa “presentidade” educativa – “presentidade” que se inicia na “situacionalidade” do terapeuta com a do paciente.

A preocupação central da terapia fonoaudiológica é o paciente, como alguém existindo no mundo, que não pode ser apenas categorizado em quadros clínicos, mas que precisa ser compreendido para que possa, não através de técnicas preestabelecidas, mas na intersubjetividade, encontrar-se e, encontrando-se movimentar-se em direção à autenticidade, que é poder-ser-no-mundo-com-os-outros de maneira mais própria, e poder falar o que pensa, o que reflete; é poder dizer o seu discurso.

A definição do horizonte da Fonoaudiologia em direção ao pro-jeto humano adquire sentido quando se acredita que a compreensão e interpretação daquilo que se mostra ou que é mostrado se faz através de palavras ou sinais" (Cappelletti,1985,p.67 e 68).

O indivíduo se estrutura como Sujeito, pela Linguagem. É alguém à partir do uso da mesma, de sua manifestação em todas as áreas da vida; este torna-se independente quando incorpora a Linguagem. Pela interação com o mundo, a socialização, isso vem a acontecer.

No início, a criança faz um "jogo vocálico" individualmente, até que durante seu desenvolvimento lingüístico, sua percepção do mundo através de suas experiências vai se aprimorando, tornando então, sua linguagem compreensível .

Ainda para esse autor, na medida em que a criança vai evoluindo em seu desenvolvimento da Linguagem, novas formas de aprendizagem vão surgindo, novos conceitos e percepções do real iniciam, vai crescendo seu poder de independência:

"A Linguagem constitui a maior conquista do gênero humano; é a base do pensamento. Quando a criança assimila a linguagem, fica apta a organizar de nova maneira a percepção e a memória; assimila formas mais complexas de reflexão sobre os objetos do mundo exterior; adquire a capacidade de tirar conclusões das suas próprias observações, de fazer deduções, conquista todas as potencialidades do pensamento.

Ao apossar-se de formas de discurso desenvolvido, a criança adquire a capacidade de formar conceitos, mas também de deduzir conclusões de uns supostos; assimila relações lógicas, conhece leis que estão muito mais para além dos limites da experiência pessoal e direta. A atividade verbal, além de ser um meio de generalização e uma fonte de pensamento, é também um meio para regular o comportamento" (Luria,1991,p.80 a 94).

A linguagem é em sua essência, a mediadora da criança com o mundo. É através da mesma que o indivíduo se estrutura como ser humano. Quando encontra-se falhas na linguagem, em qualquer um dos seus aspectos (ex.: fala estereotipada), como em decorrência de problemas neurológicos ou não, todo o desenvolvimento estará alterado e incompleto.

Assim, para o mesmo autor:

"Um fato determina as dificuldades da criança mentalmente atrasada em regular as suas próprias ações mediante a palavra: a linguagem da criança só pode regular os seus processos motores se os processos nervosos subjacentes à linguagem forem mais móveis e mais concentrados do que os processos nervosos em que se baseiam as relações motoras.

Mas as conexões da linguagem da criança oligofrênica são ainda menos móveis do que as suas reações motoras, e convertem-se com facilidade em formas estereotipadas. Os processos nervosos em que se baseia a linguagem são tão inertes, que as próprias reações verbais se esvaziam facilmente e perdem o seu significado. Os processos verbais da criança oligofrênica transferem-se freqüentemente para um estereótipo inerte, e esta é uma das razões essenciais por que não podem regular as suas ações”(Luria,1991,p.80 a 94).

A fala nesse tipo de patologia, fica sem significado e a pessoa não têm como regular e escolher seu comportamento e suas ações.

Quando existe um padrão de normalidade, o desenvolvimento da linguagem se dará, como está sendo descrito, pela interação da criança com o adulto: *“As formas complexas da atividade nervosa superior da criança normal formam-se no decorrer da comunicação com os adultos; neste processo, a linguagem é assimilada e em breve se transforma estavelmente, de meio de generalização, em instrumento de pensamento e em instrumento para regular o comportamento”*(Luria,1991,p.80 a 94).

Sobre as relações humanas, Luria e seus colaboradores, (1994,p.25), fazem alguns comentários: “Influenciado por Marx, Vygotsky concluiu que as origens das formas superiores de comportamento consciente deveriam ser achadas nas relações sociais que o indivíduo mantém com o mundo exterior. Mas o homem não é apenas um produto de seu ambiente, é também um agente ativo no processo de criação deste meio”.

O homem, dentro do processo lingüístico, não é um produto da Linguagem apenas, mas um agente comunicativo, capaz de transformar seu mundo através da mesma.

Ainda segundo Luria,(1994,p.27):

“Desde o nascimento, as crianças estão em constante interação com os adultos, que ativamente procuram incorporá-las à sua cultura e à reserva de significados e de modos de fazer as coisas que se acumulam historicamente. No começo, as respostas que as crianças dão ao mundo são dominadas pelos processos naturais, especialmente aqueles proporcionados por sua herança biológica. Mas através da constante mediação dos adultos, processos psicológicos instrumentais mais complexos começam a tomar forma. Inicialmente, esses processos só podem funcionar durante a interação das crianças com os adultos. Como disse Vygotsky, os processos são interpsíquicos, isto é, eles são partilhados entre pessoas.

Para este autor, a interação humana não apenas permite o desenvolvimento da Linguagem, mas é responsável para que a mesma exista e defina o ser humano como seu próprio agente lingüístico. “Os adultos, nesse estágio, são agentes externos servindo de mediadores do contato da criança com o mundo. Mas à medida que as crianças crescem, os processos que eram inicialmente partilhados com os adultos acabam por ser executados dentro das próprias crianças” (Luria, 1994, p.27).

A função do adulto é, então, mediar a Linguagem para a criança, até que a mesma a incorpore e seja capaz de realizar suas próprias ações.

A Fonoaudiologia, como ciência responsável pelo estudo da Linguagem e de todas as suas funções no desenvolvimento humano, detectará e tratará todas as alterações existentes, possibilitando a melhora ou a restauração dos padrões lingüísticos alterados, através de técnicas específicas.

5.2.5. A Fonoaudiologia, Inserida em Outras Ciências, no Tratamento das Lesões Neurológicas

A Fonoaudiologia, como ciência que estuda a Linguagem em todos os seus aspectos, se insere nas áreas da Lingüística, Psicologia, Medicina e outras.

O trabalho lingüístico já ocorre nas mesmas. Para a pesquisadora, essa ciência é um complemento, não necessitando ser trabalhada de forma isolada. A estimulação e o desenvolvimento da Linguagem acontecem em todos os lugares, iniciando na interação com a mãe ou com os responsáveis pela criança, já em seu período pré-natal. Na medida em que a Linguagem vai se desenvolvendo pela interação com o meio, desde as primeiras manifestações orais (como o balbucio), até adquirir a fala e a escrita inteligíveis, o ser humano chega ao ponto de se comunicar com o Outro, expressando seus sentimentos e realizando a interação com o mundo.

As falhas na Linguagem decorrentes de lesões neurológicas, ou seja, quando uma ou mais áreas cerebrais responsáveis pela mesma, estão afetadas, não serão auxiliadas, “desenvolvidas” ou modificadas e até restauradas através de estímulos externos, como por exemplo as terapias fonoaudiológicas. É inadmissível esperar uma cura dessa defasagem neurológica com sessões terapêuticas de 30 ou 45 minutos, dentro de um consultório.

Os exercícios fonoaudiológicos e a interação (vínculo) do terapeuta com o paciente, servirão apenas como complemento do desenvolvimento da Linguagem que ocorre todos os instantes na vida desses indivíduos: em casa, quando os pais (ou outros) interagem com a criança, através de atividades lúdicas diversas e conversação; a respiração é trabalhada quando se pratica o ato de soprar objetos e brinquedos como o “catavento” ou quando aos lábios são vedados para que a mesma seja nasal; a sucção também é trabalhada (ex.: quando suga chupeta ou pirulito); a mastigação e deglutição, quando se alimenta de papinha ou sólidos e muitos outros que são praticados no dia-a-dia da criança. No caso de adolescentes ou adultos, as práticas terapêuticas seguem a mesma lógica, com as devidas adaptações.

Em virtude do que foi relatado, ocorre mediante ao tratamento neurológico, uma “terapia da enganação”, dando esperanças de cura às famílias das pessoas com necessidades especiais. Se as lesões neurológicas são internas, não há como fazê-las “voltar” ao padrão normal. Além disso, se o trabalho com a Linguagem faz parte da natureza humana, não há porquê dizer que dentro do consultório, acontece algo muito diferente, que mais cedo ou mais tarde (durante anos, geralmente como se traduz na fala do fonoaudiólogo), haverá melhora ou cura do quadro neurológico. As próprias orientações feitas à família, são dotadas de práticas que já são realizadas pela mesma. Um exemplo é uma das orientações para pacientes que apresentam uma respiração bucal total e sialorréia (baba) – A boca permanece aberta e a fonoaudiologia orienta “que se mantenha a boca fechada” (de forma passiva, ou seja, força-se o movimento de vedamento labial) para controlar a baba e a respiração torna-se nasal por alguns momentos.

Mas é lógico, se existe uma lesão neurológica em relação ao controle muscular de órgãos fonoarticulatórios como os lábios, língua, etc, pode-se realizar o trabalho externo que for, que a boca continuará aberta, apresentando os mesmos transtornos.

A busca desesperadora de cura por qualquer família inserida nesse contexto, não questiona a atuação fonoaudiológica e geralmente permanece confiando em algum resultado satisfatório. Repetindo, o paciente já é trabalhado em outros ambientes, com as atividades diárias. A Linguagem, então, já é trabalhada através da interação que o Outro mantém com o mesmo. Entretanto, há que se considerar em relação aos aspectos neuromotores lesados, que estes podem ser minimizados através de práticas de aprendizagem mediada pelo profissional da Fonoaudiologia, resultando numa melhor qualidade de vida para o paciente, ainda que falar em “cura” da lesão não seja apropriado nessa realidade. Um outro aspecto é que tanto o paciente como a família necessitam de apoio, tratamento e atenção; não se pode simplificar a questão e abandoná-los à sua sorte. É preciso sim, de envolvimento e busca de alternativas que supram o vazio existencial e a dor que enfrentam todos os instantes.

Um aspecto observado é dos encaminhamentos de pacientes à Psicologia, quando existem manifestações emocionais a serem tratadas. Ao mesmo tempo, no tratamento fonoaudiológico, utilizam-se de linhas teóricas de tratamento,

“emprestando” das outras ciências já referidas. Como pode o Fonoaudiólogo atuar na linha psicanalítica de Lacan ou Freud, como já aconteceu, se não tem formação específica em Psicanálise? Basta apenas estudar o assunto? Não seria mais coerente encaminhar o paciente para a área de Psicologia e deixá-lo de tratar fonoaudiologicamente? Mas, na realidade o que acontece, é que até pode haver o encaminhamento sugerido, mas o paciente faz o mesmo concomitante à terapia fonoaudiológica.

As linhas teóricas, como são emprestadas de outras áreas (e isto ficou bem especificado), deixam a prática fonoaudiológica muito confusa. A Fonoaudiologia “se perde” em alguns momentos, não tendo clara a sua atuação, já que não é específica – está inserida em muitas áreas. Como consequência, o terapeuta da Fonoaudiologia não sabe exatamente o quê fazer, muitas vezes para quem encaminhar, que recursos utilizar e onde buscar auxílio.

Na Instituição Especial, o trabalho fica muito mecanizado e sem retorno. Como não há resultados aparentes (pelos motivos supracitados), o profissional não cresce, não tem incentivo para buscar novas perspectivas profissionais.

Dentro do Sistema Capitalista, há aqueles que já vem para a faculdade de Fonoaudiologia com características próprias da burguesia. Em primeiro lugar, este curso já é por si parte integrante do sistema burguês – é ofertado apenas na instituição privada. Se o estudante têm recursos financeiros, logo se adapta nesse contexto, iniciando sua carreira de forma “acomodada”, e, montando seu consultório ou clínica “completos” em termos de recursos materiais, não encontrando maiores problemas para se inserir nesse “mercado de trabalho”.

O curso de Fonoaudiologia é completo em termos de estudos das diversas áreas. Empolga o estudante interessado em conhecer melhor seu mundo, as culturas, conhecimentos específicos, etc. Porém o ideário fonoaudiológico não condiz com a realidade em que vivemos. O estudo teórico de tudo isso traz com certeza um crescimento intelectual e uma visão de mundo sem limites. Mas a sociedade, com todas as suas necessidades básicas? Onde ela encontra espaço na Fonoaudiologia? O mundo problemático quer contar com uma prática transformadora e na Fonoaudiologia, o “brincar de viver”, a falta de critérios e do próprio questionamento dessa ciência, faz com que os terapeutas “dancem conforme a música” e não se preocupem com essa realidade onde estão inseridos.

Nos Órgãos Públicos, quando ouvimos falar que numa mesma sala durante uma “sessão terapêutica”, atendem-se ao mesmo tempo casos com diferentes patologias, não havendo uma seriedade profissional com os mesmos, penso que não há seriedade na ciência e na ética profissional. Sobre isso, discutindo todas essas questões com uma fonoaudióloga de São Paulo, esta me referiu que tudo isso “depende da ética profissional de cada fonoaudiólogo”, ou seja, me explicou que se um paciente com lesões neurológicas chegasse em seu consultório, dependendo do caso, não iria atender – conversaria com a família. Quando questionei sobre os resultados da terapia fonoaudiológica, insistia em me mostrar as possibilidades de resultados satisfatórios em relação aos seus pacientes atendidos. Como funcionária autônoma, fez sua defesa, como qualquer profissional que atua como a mesma. Geralmente para quem está atuando na área e sente-se realizado ao exercê-la, principalmente tendo retorno financeiro, mantém essa visão.

Mas, na maioria dos casos, esses atendimentos acontecem igualmente para pessoas que não possuem necessidades especiais – os exercícios são os mesmos, diferenciando-se quanto à forma de realizá-los, podendo ser passiva ou ativa (como já foi mencionado), dependendo do grau de comprometimento.

Muitos problemas de fala ocorrem em decorrência de má-oclusão dentária ou dificuldade respiratória. Os encaminhamentos a um Ortodontista ou a um Otorrinolaringologista, por exemplo, são suficientemente capazes de resolvê-los. As “terapias fonoaudiológicas” só servirão de complemento, mais uma vez.

5.2.6. Desmistificando a “Linguagem” dos Fonoaudiólogos

Na linguagem fonoaudiológica, é comum encontrar termos como “desmistificar”, “saber teórico”, “o repensar” a Fonoaudiologia. No curso comenta-se muito que esta ciência está “buscando sua identidade”. Como fonoaudióloga há doze anos, percebi e continuo com o pensamento de que colocam-se muitos “mistérios” a serem descobertos; é como se algo oculto precisasse “vir à tona”, para que a Fonoaudiologia fosse clarificada e entendida.

Porém, pelos conceitos simples de Linguagem e o que encontramos tanto no campo teórico como no prático, é compreensível entender a clientela e o Outro – bastam algumas explicações de como e onde atua, como já foi comentado. Não há um “lugar a ser ocupado”; simplesmente é e faz parte da nossa vida, das ciências e de todas as áreas que utilizam a Linguagem.

É comum também ouvir do próprio fonoaudiólogo que este precisa saber o seu lugar de atuação, conhecer melhor o seu papel. Por ser tão específico este trabalho, não há necessidade de dar tanta ênfase em delimitar o seu campo. Pelo fato de que a linguagem “se infiltra” em todas as áreas, é nesse momento que o fonoaudiólogo se perde, não sabendo especificamente onde e como agir.

5.2.7. As Dificuldades Encontradas pelo Profissional da Fonoaudiologia

Algumas dificuldades foram observadas neste profissional e na sua inserção como tal no mercado de trabalho.

Não há oferta, ou mínimas chances de trabalho, tanto nos Órgãos Públicos, por não existir vagas disponíveis nem contratação, como na instituição privada. É muito difícil ou quase impossível notar anúncios de jornal ou estabelecimentos que necessitem contratação dos mesmos e ofertando vagas. Se percebe uma rejeição, um descaso com esta profissão. Um exemplo claro acontece em indústrias, hospitais, e outros. Questiona-se quantos fonoaudiólogos atuam nestes estabelecimentos, de acordo com a demanda dos mesmos, além da quantidade deles em nossa cidade e regiões afins, além de se calcular quantos se formam e

irão atuar em outras áreas. Pelo menos se a valorização profissional existisse em outras áreas de trabalho, aproveitando-se todo o potencial de um fonoaudiólogo... Mas parece utopia; a Fonoaudiologia continua “engatinhando”, não sabemos até quando...

O status do Curso propõe uma determinada facilidade no mercado de trabalho, mas o que ocorre na prática é totalmente contraditório. Na Educação Especial, encontra-se este profissional geralmente ganhando um salário indigno e uma desvalorização profissional em decorrência disto, além de também não haver contratações. Ora, pelo valor pago para uma pessoa ter essa profissão, durante todo o processo do curso universitário, o resultado é totalmente insatisfatório e não condiz com todo o investimento pago.

A Fonoaudiologia ainda é uma “sombra” que aparece de vez em quando, na sociedade e no mundo, de forma geral. Precisa ser mais valorizada em estabelecimentos dos mais diversificados possíveis. Há necessidade de um retorno prático e urgente.

A visão dos estudantes em Fonoaudiologia precisa ser clarificada para esta realidade, pois o curso promete muito. Há que se notar, que não há estabilidade profissional normalmente, neste caso. O trabalho autônomo (em pequeno número) é ainda mais fácil de ser encontrado, quando existe uma chance financeira herdada ou anterior a esse trabalho.

Os docentes do curso precisam “sair de seu casulo” e batalhar para uma libertação prática da Fonoaudiologia, auxiliar na inserção da Fonoaudiologia na sociedade de um modo geral. Para que isso ocorra, é emergente uma mudança nesse quadro.

Os Cursos de Especialização na área são geralmente caríssimos e de difícil acesso; quando existem com mais facilidade de acesso, “os dizeres teóricos” não proporcionam uma mudança efetiva, não alteram nem transformam essa realidade.

Haveria muitas outras dificuldades a serem relatadas dentro de uma análise profunda de todos esses aspectos. O mais importante, porém, deve ser minimizar as frustrações e decepções práticas que esta profissão têm trazido para a maioria de profissionais, principalmente para aqueles que não se colocaram no mercado devido a tudo o que foi descrito.

5.2.8. A Dificil Construção da Prática Interdisciplinar

O ser humano não é “um” apenas, mas é múltiplo, tratando-se de suas relações sociais, na perspectiva interdisciplinar. É interagindo que é e se faz, que se estrutura.

“A substância do existir é a prática, enquanto que o conhecimento tende naturalmente para a teoria. Só se é algo mediante um contínuo processo de agir, só se é algo mediante a ação. É a ação que delinea, circunscreve e determina a essência dos homens. É na e pela prática que as coisas humanas efetivamente acontecem, que a história se faz” (Severino,1995,p.161).

A sociedade é que permite que o ser torne-se humano. A relação humana é hierárquica, não tem característica de igualdade, mas uns colocam-se sobre os outros, estabelecendo assim, uma relação de poder.

As experiências dos seres humanos estão inseridas num contexto histórico, político e cultural. O trabalho coletivo demonstra também características de interesses individuais. Na realidade, há entre as relações humanas, uma relação de domínio, exploração e opressão. O ser humano irá relacionar-se consigo mesmo, com o Outro e com a natureza, mas torna-se vítima da ideologia dominadora, das forças alienantes – ficando “desumano”.

A Educação deve se preocupar com todos esses fatores em sua prática, não reproduzindo essas formas ideológicas de relações humanas da sociedade.

Um dado muito importante em relação a esse assunto, colocado por Severino (1995,p.169-170) é que muitas vezes há uma longa distância entre o discurso teórico e a prática. E o agente não se dá conta que a sua prática exige contínua reavaliação. Sua prática fica rotineira, dogmática e conservadora.

A ação pedagógica não se tratará de forma isolada; há uma historicidade nela envolvida; tem relação à formação profissional. Integrar a cultura ao currículo é uma questão fundamental. A prática social só ocorrerá então, através da interdisciplinaridade. O educando só terá sua formação completa, quando tiver a formação de cidadão, de modo que garanta a democracia de suas relações sociais.

No decorrer da história, sempre houve grupos totalitários, nos âmbitos religiosos, políticos, epistemológicos, etc. Não existem formas lineares de pensar. Estão imbutidas de antecedentes históricos. As forças do trabalho, do capitalismo, etc não captam uma lógica de historicidade, uma materialidade histórica.

Sobre a interdisciplinaridade, ainda: “A Universidade que pode e tem materialidade para patrocinar estudos e projetos interdisciplinares” (Severino,1995,p.201). Em relação ao comentário posto, na visão da pesquisadora, após o término do curso de Pós-graduação, conclui que este apoio à pesquisa dado pela universidade realmente ocorre, pois proporciona esta oportunidade – os estudantes são incentivados e orientados para a execução de pesquisas que transformam a realidade presente, à partir da interdisciplinaridade colocada em prática.

Para o autor Frigotto, ainda em relação à interdisciplinaridade, o mesmo refere que esta é uma necessidade em todas as relações humanas, está implícita nas ciências sociais; “decorre da própria forma do homem produzir-se enquanto ser social e enquanto sujeito e objeto do conhecimento social” (Frigotto,1993,p.63).

As relações sociais ocorrem em todas as esferas do ser humano nos aspectos biológicos, intelectuais, culturais e estéticos; por isso é problemática a questão. Para entender a interdisciplinaridade, é preciso conhecer a realidade social em que os homens estão inseridos. Esta será sempre relativa, porque é histórica e seus determinantes estão inseridos em vários pressupostos teóricos. Um exemplo já foi amplamente citado, que é o Sistema Capitalista que vai influenciar diretamente nas relações sociais e na interdisciplinaridade.

Ainda para esse autor, comentando sobre as formas históricas que as relações de classe assumem nos diversos modos de produção: “todos eles limitam o livre desenvolvimento humano de todos os homens mediante formas de dominação e exclusão em todos os planos da vida” (Frigotto,1995,p.66).

Somente quando não houver dominação e acontecer a superação da sociedade de classes através de uma luta histórica, haverá uma superação mais profunda dos limites da produção do conhecimento e nos processos pedagógicos de sua socialização, efetivamente.

Para a pesquisadora, estamos tão inseridos na sociedade de classes, que não percebemos essa realidade. Tratamos as relações sociais em todos os âmbitos (cultura, trabalho, ensino) de formas semelhantes, como se todos fossem iguais, não havendo diversidades tão gritantes. O próprio autor revela que “os interesses particulares da classe dominante aparecem como interesses universais e eternamente válidos para todos” (Frigotto, 1995, p.68).

Os termos “inter” ou transdisciplinaridade não fazem diferença alguma enquanto a realidade social não deixar de ser alienadora, enquanto a visão integracionista de conhecimento e interdisciplinar não fizer parte da mesma.

Os educadores e pesquisadores devem buscar superar o ecletismo, criticando, explicitando a realidade. No caso, mudar os métodos e técnicas de transmissão do conhecimento. Outro comentário do mesmo autor: “O educador tem que aprender a fazer a articulação entre o sujeito que aprende e o sujeito da aprendizagem” (Frigotto, 1993, p.71). Não permanecer no campo teórico apenas, mas transcender para uma prática inovadora.

Mencionando o caso da Fonoaudiologia, que é o foco dessa pesquisa, o fato da teoria ficar distante da prática, deve ser levada em consideração. A prática de exercícios fonoarticulatórios geralmente entra numa rotina sem questionamentos nem mudança. O trabalho torna-se cansativo e sem sentido, na maioria das vezes, tanto para o terapeuta, como para o paciente. É preciso reavaliar a prática fonoaudiológica, associada aos seus pressupostos teóricos.

Em relação às equipes interdisciplinares nas instituições públicas, o principal objetivo deve ser o da integração das ciências nos atendimentos, onde trocas de conhecimento e práticas terapêuticas sempre deverão ocorrer, jamais esquecendo das individualidades dos pacientes atendidos, ou seja, os casos precisam ser tratados de uma forma específica, de acordo com cada necessidade. Estes aspectos devem ser levados em consideração nas discussões efetuadas. A Fonoaudiologia precisa ser clara e objetiva naquilo que pretende atingir com os seus pacientes, contando com o auxílio de toda a equipe de profissionais que estão atendendo os mesmos pacientes.

5.3. AS POLÍTICAS SOCIAIS NO NEOLIBERALISMO

A autora Miranda (1997,p.3 a 27), com base no documento de Salamanca sobre a “Inclusão Escolar da Pessoa com Necessidades Educativas Especiais”, nos traz várias reflexões e questionamentos que serão aqui descritos. Outros complementos do presente estudo analisarão também o que ocorre na área da Fonoaudiologia, observada na atuação (vivência) dentro de escolas especiais.

5.3.1. A (des)Valorização da Fonoaudiologia na Educação Especial na Abordagem do Estado

O Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999, no Cap. I, o Artigo 2º refere que “cabe aos órgãos e às entidades do Poder Público assegurar à pessoa portadora de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive os direitos à educação, à saúde, ao trabalho, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à previdência social, ao transporte, à edificação pública, à habitação, à cultura, ao amparo à infância e à maternidade, e de outros que, decorrentes da Constituição e das leis, propiciem seu bem-estar pessoal, social e econômico” (Brasil,1999,p.192).

Está implícito o direito da pessoa com necessidades especiais à saúde. Nesse caso, especificamente, além dos médicos, os fisioterapeutas, os psicólogos, os fonoaudiólogos, que são profissionais da área de saúde, também deveriam igualmente dar assistência e suprir essa demanda. Ora, a prática muitas vezes não condiz com o pressuposto jurídico do Decreto, pois no caso da Fonoaudiologia, não há espaço suficiente nos Órgãos Públicos. A falta de investimentos nessa área tem deixado de assegurar esse direito aos deficientes nas instituições públicas.

Ao analisar vários Artigos do Decreto, como o 8º, Inciso II do Capítulo V relacionado aos Instrumentos: “o fomento à formação de recursos humanos para adequado e eficiente atendimento da pessoa portadora de deficiência” (Brasil,1999,p.193), observa-se novamente, que a prática desses artigos deixa muito a desejar, pois as pessoas com necessidades especiais não contam com a eficiência de atendimentos na área da saúde.

Sobre a Saúde, no Capítulo VII, Incisos 2º e 3º (Brasil, 1999, p. 194), se afirma que “a deficiência ou incapacidade deve ser diagnosticada e caracterizada por equipe multidisciplinar de saúde, para fins de concessão de benefícios e serviços.

As ações de promoção da qualidade de vida da pessoa portadora de deficiência deverão também assegurar a igualdade de oportunidades no campo da saúde”.

Concluimos que essa igualdade nos atendimentos da área da saúde com equipes multidisciplinares, deixa a desejar por não estar completa. Há uma defasagem nos atendimentos fonoaudiológicos, que deveriam ter prioridade, assim como as outras especialidades. O apoio na prática fonoaudiológica ainda encontra-se ausente.

Nos direitos das pessoas com necessidades especiais, além da prática pedagógica, há que se ver com seriedade a questão dos atendimentos fonoaudiológicos, que são desvalorizados e às vezes inexistentes nas instituições. Essas pessoas, ditas com necessidades especiais têm seu direito de serem atendidas para suprir suas necessidades pelas próprias patologias postas. Se é um direito, essa prática terapêutica tem que existir.

Quanto à inserção da pessoa com deficiência no mercado de trabalho, a Linguagem desses indivíduos precisa ser trabalhada constantemente, a fim de proporcionar-lhes condições de atuação profissional na sociedade.

O Estado demonstra não reconhecer esse direito. Se ausenta de sua responsabilidade e quando se apresenta, o faz por meio da modalidade denominada “convênio”, e as verbas repassadas não condiz com a realidade emergente. Dessa forma, as pessoas com deficiência continuam sendo marginalizadas e esquecidas.

Por essa ausência estatal, vêm aumentando os programas de apoio (não-governamentais), projetos-piloto, etc. Não existe uma real priorização dos gastos públicos, uma liberação financeira adequada para atender as necessidades dos indivíduos com deficiência. Há redução do tamanho do Estado (Estado Mínimo), deixando à livre iniciativa privada que se preocupe com os gastos. Trata-se da concepção de Estado com a presença reduzida desse na organização da sociedade - ainda mais desse “grupo” da sociedade, que para o Estado, realmente parece não incomodar.

Para o autor Fergusson (1983; In: Miranda,1997,p.5), cabe ao Estado reforçar os “contratos privados”. É mais cômodo para o Estado essa posição; assim, se ausenta de qualquer responsabilidade. O envio de verbas públicas para as áreas básicas vem sofrendo sob a lógica da subvalorização de seus encargos. Como fica a questão das escolas especiais? A inclusão das pessoas com necessidades especiais nas escolas públicas é mais uma problemática; para não se ter mais gastos, infiltram-se esses alunos, que necessitam recursos à parte, e assim, professores não capacitados precisam dar conta desses atendimentos , sem ter condições. Esse tipo de trabalho requer uma estrutura pessoal, além de formação específica, imbuída de características que dêem conta de um trabalho individualizado, de muita persistência e paciência (Miranda,1997,p.8).

“O conceito de Estado Mínimo (mínimo de recursos financeiros) faz com que os convênios nas Escolas Especiais sejam sempre um espaço de inúmeras controvérsias e conflitos. Seja porque contém em si mesmas a negação do princípio de destinação de verba pública apenas para as instituições públicas e as escolas especiais no Brasil majoritariamente são geradas pela iniciativa privada, embora essa iniciativa privada seja caracterizada pela FILANTROPIA - isso dá às entidades o dever de buscar recursos na comunidade, além do que é recebido pelo Estado. A questão do Estado é que há uma subvalorização dos serviços executados, tanto na educação quanto na saúde, até mesmo como critério para remunerar a área pública, ficando a área privada filantrópica com o efeito dessa lógica; ainda assim seu caráter não é público.

Seja porque geram formas de gestão não democráticas em seu interior, pois os modelos de gestão que se constroem não permitem as decisões coletivas, mas somente as que emanam das diretorias das mantenedoras, que via de regra desconhecem os aspectos técnico-pedagógicos dos atendimentos a que se propõem, mas mesmo os desconhecendo não incentivam a participação de seus profissionais em decisões colegiadas, ou seja, porque as verbas que são repassadas às mantenedoras das escolas especiais, como já foi abordado, são calculadas sob a lógica da subvalorização dos serviços e encargos que visam cobrir.

Os profissionais dessas escolas se obrigam, por haver necessidade, de fora de seu expediente, desenvolver inúmeras atividades de captação de recursos para complementar a receita da mantenedora, que no final, será destinada, entre outras coisas, a suprir seus próprios salários. Tem que ser considerada a questão da municipalização, que repassará todo o encargo da educação básica para os municípios e a maioria dos convênios são firmados entre as mantenedoras e as Secretarias Estaduais de Educação. Nesse caso é de se perguntar se os Municípios herdarão de seus Estados os encargos dos convênios da Educação Especial. As Escolas Especiais perderão com certeza seus convênios com a administração pública estadual. Será que conseguirão novo convênio com a área municipal, já que há evidências claras já manifestadas por governos municipais até de regiões consideradas de bom porte econômico, como Curitiba, que vem apontando na direção das privatizações?” (Miranda,1997,p.9).

A situação dos atendimentos na área da saúde, especificamente, entra no ideário neoliberal. Pode-se afirmar que as “últimas verbas” serão para esses atendimentos, que pela necessidade, deveriam ter prioridade na Educação Especial.

Na opinião do presente estudo, quando os professores são contratados pelo Estado para trabalharem nas escolas especiais privadas filantrópicas, estas teriam chance de investir na área da saúde e contratar por sua vez, funcionários que atendessem essa demanda. Mas o que a pesquisadora já observou, essa situação não altera o conceito de desvalorização dos profissionais de saúde e suas contratações.

“O Estado, na verdade, arrecada mas não repassa para as reais necessidades. Outrossim, há o risco do desaparecimento das escolas especiais, que por terem o caráter de filantropia, possam não conseguir se manter, visto que o modelo das instituições de iniciativa da comunidade, com fins filantrópicos proliferou, graças à omissão histórica do Estado em se responsabilizar pela educação das pessoas com necessidades especiais. Com as precárias condições que os convênios oportunizam, as escolas especiais em sua grande maioria, dão conta (ou não) de suas opções de atendimento com inúmeras dificuldades”(Miranda,1997,p.10).

“(…) um dado importante é que o serviço público de saúde não oferece padrões adequados de atendimento e isto é um fator gerador de deficiência na população infantil”(Miranda,1997,p.11).

“Não se pode atuar na Educação Especial sem uma equipe interdisciplinar composta por profissionais das áreas pedagógica, psicológica, fisioterápica, médica, psiquiátrica, que atuarão tanto no diagnóstico quanto no atendimento seqüencial continuado. No Brasil a composição de equipes interdisciplinares tem sido na grande maioria dos casos institucionais, muito aquém do necessário” (Miranda.1997.p.16).

Na opinião do presente estudo, normalmente as Escolas Especiais contam, como integrantes diretos de suas equipes, com os professores especializados (geralmente com o curso adicional de Especialização em Deficiência Mental ou outras, com duração de um ano), pedagogos, psicólogos, assistentes sociais e principalmente, em seu ponto de vista e experiência profissional, dos atendentes para desenvolver atividades de higiene, etc.

A negligência ao atendimento à saúde no Brasil (especificando aqui, Curitiba e regiões afins), acrescentada à miséria crescente das classes populares e uma não adequada política de prevenção nesta área, traz como conseqüência, dentre outros fatores, a desvalorização profissional nas Escolas Especiais envolvendo a

Fonoaudiologia, onde é necessária e essencial para atender todas as diversidades de casos.

Os atendimentos com estagiário, quando não existem estes profissionais nas escolas especiais, gera uma descontinuidade e quebra de vínculo no tratamento. Muitas vezes também, as famílias precisam procurar consultas nos órgãos municipais (que têm total carência dos mesmos e quando sobrevivem, atendem de forma muito rápida ou com vários pacientes, com casos diferentes uns dos outros, ao mesmo tempo). O tratamento aí é uma farsa, um “faz-de-conta”, pois não traz um resultado satisfatório de forma alguma, nem poderia ocorrer assim.

Infelizmente, não há esses atendimentos junto aos serviços públicos. Estão em último plano na priorização política. São até esquecidos.

Ainda para a autora Miranda (1997), como sempre, os atendimentos especializados acabam sendo privilégio das camadas sociais economicamente privilegiadas. Os atendimentos, quando acontecem, geralmente são prestados pelas ONGs (Organizações Não-Governamentais) com as quais o Estado estabelece uma relação insatisfatória.

“As escolas especiais para sobreviverem, organizam mantenedoras, com estatuto registrado em cartório, onde se explicita que haverá uma diretoria sem fins lucrativos. Esse tipo de instituição vive sempre em situação deficitária e sua gestão é feita por pessoas propriamente não especializadas. Carece de profissionais habilitados e especializados, e quando os possuem, são remunerados com valores muito abaixo das convenções trabalhistas”(Miranda,1997,p17).

Os valores dos convênios também são muito baixos, o que faz com que os atendidos de baixa renda dêem “contribuições voluntárias”, participem de bingos e/ou festas beneficentes (Miranda,1997,p.17).

Conforme Miranda, sendo a compra do serviço feita pelo próprio governo através de seus convênios, a população paga duas vezes por determinados serviços especializados: Impostos diversos e pagamento “terceirizado” de atendimento especializado (Miranda,1997,p.18).

“O Estado que repassa verbas públicas a essas instituições, não acompanha adequadamente seus processos internos, no raciocínio de que repassando verbas insuficientes, é mais conveniente não supervisionar para não ser cobrado pela sua própria omissão ou ausência de responsabilidade. As Escolas Especiais integralmente públicas, são muito raras.

No geral, recebem cada vez menos verbas, recursos humanos (profissionais supracitados) e materiais. Quando têm profissionais, estes não recebem incentivo à pesquisa e qualificação permanente. Seu trabalho é realizado de forma precária, pois são muitas as necessidades – desde falta de espaço físico, materiais adequados, etc – novamente aqui, consideramos o descompromisso do Estado com as Instituições Especiais, especificamente com a área da saúde. A comunidade por consequência sofre a transferência de responsabilidade” (Miranda,1997,p.19 e 20).

5.3.2. O Descompasso: Demanda Reprimida / Ofertas de Atendimentos Públicos de Saúde

Há uma política pública de descompromisso com as questões sociais. Para atender a demanda dessa clientela, além dos aspectos citados, seria emergente a necessidade de haver Concursos Públicos Municipais e Estaduais na área de saúde, envolvendo a Fonoaudiologia, Psicologia, Fisioterapia e demais profissionais de saúde.

Pelos concursos públicos realizados, questionam-se aqui os gastos e a ausência de retorno dos mesmos. Muitos profissionais da Fonoaudiologia atuam em outras áreas para sobreviverem, deixando a mesma para realizar outras tarefas ou trabalhos voluntários em instituições filantrópicas ou atuam em casos isolados, também voluntariamente. Há uma ausência continuada de Concursos Públicos para suprir a área de saúde como um todo, e em especial, a Fonoaudiologia. Tal descompasso é construído pelo Estado na medida em que não cria meios capazes de acompanhar a demanda reprimida, pois se isso fosse feito teria que se apresentar à sociedade soluções para atender essa demanda, e é o que um perfil neoliberal de Estado definitivamente não se propõe a fazer.

A sociedade precisa reagir como um todo, por toda a desconsideração de qualidade dos atendimentos públicos e para que estes existam em quantidade suficiente para atender aos 10% de pessoas com deficiência, previstos pela **O.M.S.**(Organização Mundial de Saúde) ou pelo menos, que esses atendimentos supram as necessidades das pessoas com necessidades especiais na área da audição e Linguagem que ficam à margem de suas necessidades que são em grande quantidade e não podem ser tão facilmente ignoradas, como tem acontecido.

Para Laurell, (1997,p.151), devido a várias interpretações, como por exemplo o desvio de verbas e o uso indevido de verbas públicas, “observa-se uma redução considerável nos gastos sociais, o que indica uma redução dos serviços sociais públicos e dos subsídios ao consumo popular, contribuindo para deteriorar as condições de vida da maioria absoluta da população, incluindo amplos setores das camadas médias”.

O Sistema Capitalista de nossa sociedade faz com que a classe dominante tenha “lugar” na mesma, tenha acesso digno à saúde, educação, etc. Uma sociedade de classes não se importa com os excluídos e marginalizados; não prioriza suas necessidades. O pobre continua cada vez mais carente no âmbito social.

Ainda para Laurell,(1997,p.153):

“O avanço da produção e organização social capitalistas sempre vem acompanhado de questões sociais complexas e intensas. A proletarização, que faz do salário o elemento central de sobrevivência; a concentração da população em centros urbanos, que rompe o vínculo imediato com a natureza como meio de subsistência; o desaparecimento das formas tradicionais de proteção social, que faz aparecer a insegurança social e a pobreza. O fato de o Estado desempenhar um papel fundamental na formulação e efetivação das políticas sociais não significa que estas envolvam, exclusiva ou mesmo principalmente, o âmbito público”.

A situação da empregabilidade colocada na área da fonoaudiologia, além de outras, tão carente no contexto capitalista, é também descrita por Laurell,(1997,p.159 e 160):

“A precária situação do emprego e o baixo nível do salário ou de outras formas de renda – que constituem o mecanismo regular de satisfação das necessidades sociais – traduzem-se em graves deficiências nas condições básicas de vida: alimentação, habitação, saneamento básico, educação e saúde. Desta forma, grandes parcelas da população não têm suas necessidades sociais básicas atendidas, nem contam com proteção contra as contingências sociais”.(...). “A primeira grande limitação da seguridade social pública, tal como tinha se desenvolvido antes do início da aplicação das políticas neoliberais, é sua deficiente cobertura populacional – que varia de 10 a 95%, dependendo de cada país – por estar muitas vezes mediada, de fato, embora nem sempre de direito, por uma relação trabalhista estável, que deixa grandes parcelas sem proteção. É isto que explica a complementaridade da seguridade social com programas de orientação assistencialista, particularmente no setor da saúde”.

As políticas sociais de um Estado de “bem-estar”, o classifica como restrito ou “incompleto” pelas limitações dos seus critérios de seletividade (Laurell,1997,p.159 e 160).

Para essa autora (1997), fica contraditória a questão de todo cidadão ter direito a “todos” os benefícios públicos:

"Para se ter acesso aos benefícios dos programas públicos, deve-se comprovar a condição de indigência. Rechaça-se o conceito dos direitos sociais e a obrigação da sociedade de garanti-los através da ação estatal. Portanto o neoliberalismo opõe-se radicalmente à universalidade, igualdade e gratuidade dos serviços sociais. As estratégias concretas idealizadas pelos governos neoliberais para reduzir a ação estatal no terreno do bem-estar social são: a privatização do financiamento e da produção dos serviços; cortes dos gastos sociais, eliminando-se programas e reduzindo-se benefícios; canalização dos gastos para os grupos carentes; e a descentralização em nível local" (Laurell,1997,p.163).

VI. ESTUDO DE CAMPO

Foram realizadas seis entrevistas (roteiro em anexo) com fonoaudiólogos que trabalham diretamente na Prefeitura Municipal de Curitiba ou que atuam em instituições que tenham vínculos com a mesma ou com o Estado.

Três entrevistas foram realizadas com fonoaudiólogas dos Centros Municipais Especializados, sendo que uma delas não foi realizada pessoalmente, por impossibilidade de tempo e horário; então foi preenchida como questionário e enviada mais tarde.

A receptividade por parte dessas profissionais foi muito boa, trazendo dados importantíssimos para esta pesquisa. Um fonoaudiólogo contratado pelo Estado, faz parte da Secretaria de Saúde e não da Educação, e atua como Coordenador da área da Fonoaudiologia na instituição, também respondeu à mesma entrevista. Outra entrevista foi realizada com uma fonoaudióloga que trabalha numa Escola Estadual para deficientes auditivos, mas esta é contratada de forma particular, pela mantenedora da escola.

A última, numa Escola Especial para deficientes auditivos, vinculada com Órgão Público, foi realizada como questionário e enviada para a pesquisadora, pelos motivos que já foram citados. A fonoaudióloga dessa Instituição solicitou um Ofício, como “norma” da mesma.

Os seus nomes foram mantidos em sigilo na realização da pesquisa.

6.1. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO INVESTIGADO

Sobre o Roteiro da entrevista (anexo) e as respostas obtidas: A idade dos entrevistados variou entre 33 e 38 anos, com o tempo de atuação após a formação em Fonoaudiologia entre 12 a 16 anos. Três profissionais tiveram sua formação profissional na Faculdade Tuiuti e três na Pontifícia Universidade Católica do PR (PUC).

Em relação aos Centros Especializados, a pesquisadora encontrou dificuldades para localizá-los; aguardou retorno da Gerência em Educação Especial, através de ofício enviado à mesma, mas como havia prazo para a realização das entrevistas, entrou em contato com as fonoaudiólogas diretamente, via telefone, para agendá-las. As respostas abaixo são literais. Cada uma estará separada para melhor compreensão.

Sobre o histórico dos Centros, obteve-se as seguintes respostas:

- “O Centro Especializado existe há 10 anos; iniciou com a necessidade de resolver problemas de aprendizagem da escola. A mudança na área da Educação com os Ciclos de Aprendizagem e a Inclusão, traz problemas na criança, carência. O Método Global de Alfabetização tem trazido mais dificuldades para essas crianças. A demanda é enorme – social e educacional. O analfabetismo é imenso; a Pedagogia e a Política estão problemáticos. Existem problemas técnicos do Magistério e da Pedagogia, além de problemas de estimulação e emocionais. Não há perspectivas no futuro desses alunos. As deficiências auditiva e visual do Centro Especializado estão dentro da Secretaria de Educação, relacionadas à escola e não à área da Saúde (Secretaria da Saúde)”.

- “Esse é o segundo Centro Especializado; o primeiro foi o do bairro Boqueirão; foi criado para atender as crianças do município. Havia anteriormente, mais vagas para pessoas deficientes, mas atualmente a demanda é relacionada aos distúrbios de aprendizagem, alterações de fala, trocas grafêmicas e fonêmicas,

falhas de procedimento auditivo. Não dá para atender tudo por falta de recursos, gera muito custo. A fonoaudióloga e os outros funcionários dão vale-transporte para alguns alunos frequentarem os atendimentos. As famílias não têm condições de pagar R\$ 40,00 (quarenta reais) como taxa de manutenção, que é simbólica. As creches vão fazer parte desta demanda. A parte da Secretaria da educação vai atender as creches (antes, era da comunidade)”.

- “A atuação no Centro Especializado é voltada para as crianças da rede Municipal de Ensino”.

Em relação às outras entidades, as respostas foram as seguintes:

- “O Centro de atendimento foi idealizado em 1985, e em fevereiro de 1986, começou a atender pessoas com Paralisia Cerebral. Atualmente, atende os deficientes de 0 a 18 anos; é um Centro de Referência em Medicina e Reabilitação este ano, vão atender adultos amputados, etc. O Centro é vinculado à Secretaria de Estado e Saúde, à Universidade Federal do Paraná (UFPR) e à Funpar. Está intimamente ligado à área da Saúde, realizando atendimentos ambulatoriais”.

- “Em 1953, a escola foi formada – Instituto de Surdos, que buscava o Oralismo. Funcionava como Instituto Interno, Centro de reabilitação e da fala); depois de 1998, mudou de nome novamente, funcionando até a oitava série. Em 1978, veio para o local onde está até hoje. Sempre foi estadual; o IASP tinha um convênio para auxiliar na área médica. A escola não tem vínculos com a Prefeitura”.

- “Associação de Educação Familiar e Social do Paraná – Escola Epheta”.

Locais de trabalho anteriores dos entrevistados:

- “Escolas Especiais (4 anos em uma apenas); no Norte trabalhei na APAE, tive clínica”.

- “Trabalho no Centro Especializado há 12 anos”.

- “Trabalhei em consultório particular e 10 anos na Prefeitura”.

- “No CRESA, desde a sua formação e no CRAID desde 1990; uns 12 ou 13 anos”.

- “Trabalhei no Colégio Santa Maria (não como fonoaudióloga, mas num cargo dentro de um departamento da Secretaria do Colégio); como fonoaudióloga no CAPI (Centro de Apoio Psicopedagógico), na CLINIFON, no Hospital Evangélico (num projeto especial); fui para Vilhena (RO) atuando em hospital e consultório; em sala especial para surdos, em clínica de reabilitação e fisioterapia”.

- “Atuação com o Deficiente Auditivo”

Tempo de trabalho na Fonoaudiologia:

- 11 anos

- Só no Centro Especializado: 12 anos

- 16 anos

- 13 anos

- 12 anos

- 11 anos

Áreas atuadas:

- Educação Especial, 5 anos
- Fonoterapia; não atende a demanda para a Audiologia; há encaminhamento do Centro para a mantenedora ASTRAU
- Atendimento terapêutico e orientação à escolas
- Deficiência Auditiva e Paralisia Cerebral
- Deficiência Auditiva e na área de Voz
- Audiologia.

As especializações desses fonoaudiólogos:

- Motricidade Oral
- Deficiência Mental (com duração de 1 ano e meio) na Faculdade Tuiuti
- Nenhuma
- Especialização em Bobath (básico e avançado). A carga horária é de Pós-Graduação – tratamento para Paralisia Cerebral
- Deficiência Auditiva e na área de Voz
- Educação Especial.

Clientela trabalhada e suas patologias:

- Desde crianças até adolescentes. As patologias tratadas são: Deglutição Atípica, Dislalia, problemas de fala e escrita, Deficiência Auditiva, Deficiência Mental, atrasos de Linguagem.

- Crianças que estejam no Ensino Regular (que frequentam as Escolas Municipais; da Rede Estadual não vem para atendimento. “Para o Estado, ficava muito cômodo”. Atende Distúrbios de leitura e escrita, 90% dos casos têm dificuldade em Comunicação Oral, poucos casos neurológicos (Síndromes, como a de Down), Paralisia Cerebral (hemiplégicos, etc), problemas de conduta.

- Crianças com dificuldade de aprendizagem que apresentam alterações de fala, linguagem, motricidade oral, voz, dificuldades auditivas.

- No Centro de Saúde, faz apenas avaliações (não realiza atendimentos) em bebês de risco, pessoas com Paralisia Cerebral e múltiplas deficiências.

- Atende crianças, adolescentes e adultos; atua nos Distúrbios de Aprendizagem e em Voz, que já trabalha há mais tempo.

- Atende alunos de 1 a 18 anos.

A metodologia aplicada no trabalho desses fonoaudiólogos:

- Exercícios articulatórios, Discriminação Auditiva e trabalho com a gagueira.

- Não adota linha específica, os casos são diferentes. Obs.: A maioria dos materiais lúdicos são da profissional, que fez investimento próprio.

- Não se usa uma metodologia específica, ou melhor, “usa-se tudo” que se considerar importante e benéfico para a criança, com mais ênfase no trabalho de Linguagem e fala.

- A metodologia que usa é o Método Bobath.

- Bilingüismo (Língua de Sinais e Oralismo, para surdos).

- Metodologia Epheta para Deficientes Auditivos (Oral).

Sobre a questão de Concurso Público e efetivação; o número de vagas que surgiram após ter feito o mesmo e a frequência dos mesmos desde o seu ingresso:

- “No início, tiveram 2 vagas. Depois abriram mais. A Educação utilizou 5 vagas, depois não chamou mais desde 1992. O Prefeito não valoriza, o político prefere TERCEIRIZAR. Com a extinção do serviço público, o trabalho morre, daí precisa terceirizar. Não existe interesse em “gastar” com serviços de atendimento. Não acredita que isso é necessário. A visão da Prefeitura é a terceirização, o que já acontece nos serviços de limpeza e alimentação, além de outros. Há muito tempo existe uma resistência para não terceirizar os atendimentos terapêuticos para clínicas. A abordagem é para a Escola Municipal; fazem-se orientações aos pais, professores, pedagogos (apoio). Os atendimentos deveriam ser individuais, mas são em grupo para atender a demanda. Há preocupação em que possa cair a qualidade. Existe um computador para criança, para melhores estímulos. Obs.: O Curso de Fonoaudiologia da PUC e da TUIUTI são diferentes na prática. A PUC leva mais para o lado da filosofia e a TUIUTI dá ênfase na parte médica – os posicionamentos são diferentes. Em Curitiba, não houve mais frequência de Concursos Públicos. Em outras regiões, houveram alguns, como por exemplo em Araucária, que tem 20 fonoaudiólogos. Em Curitiba, são 7 fonoaudiólogas concursadas. A Prefeitura está com 12 a 16 anos com o mesmo governo. O Jaime Lerner fez o Concurso, depois não teve mais. São 16 anos sem avanço nos Concursos, nem contratações. É a “filosofia da Terceirização” – muitas vezes mandam o funcionário embora no final do ano e o contratam no início do outro ano para não pagar férias”.

- “Já estava na Rede Municipal, em outro cargo. Entraram 5 fonoaudiólogas. São 7 efetivas no total, na Secretaria de Educação. O I.S.S. é à parte, não é vinculado à Prefeitura. Na Saúde, parece que há 1 fonoaudiólogo. Na Secretaria da Criança, não há ninguém”.

- “10 vagas. Não houve Concurso após o meu ingresso na Prefeitura Municipal de Curitiba”.

- “Não entrei por Concurso. Fiz a criação da equipe de fonoaudiólogas na Secretaria de Saúde; fui contratado pelo C.L.T. e depois, me tornei estatutário. Desde que ingressei, não houve Concurso Público”.

- “Não sou concursada”.

- “Na Instituição atual não houve Concurso”.

Quanto às expectativas da profissão na prática institucional:

- “O Centro de Atendimento vive uma situação de equilíbrio de uma enorme necessidade de funcionários para atender a demanda e existe a possibilidade de acabar (terceirizar). Sobre a ameaça constante de acabar com o Centro da Prefeitura, os profissionais “vivem lidando com o emocional”. A expectativa é de que cresça o centro”.

- “Há reuniões com os Recursos Humanos, pedindo melhoria de condições de trabalho, valorização. Há 12 anos que não ocorre nenhuma diferenciação salarial. A situação está muito difícil na Rede; no contra-cheque estão como Secretaria de Saúde, mas estão na realidade, na Secretaria de Educação. A definição é incerta, quer saber “quem são seus pais”; precisam salários melhores, estão incertos. Há muito tempo, existe ameaça de Terceirização (não teria vínculo empregatício), os salários seriam bem mais baixos, do “tipo S.U.S”. Fazem hora-extra para que isso não aconteça. Não houve mais Concurso Público”.

- “Que a profissão seja valorizada e reconhecida”.

- “Melhor aplicação de verbas para a instituição; melhoria do paciente”.

- “Conseguir os recursos necessários; os materiais existem, mas precisam manutenção; que os alunos sejam freqüentes nos atendimentos”.

- Não houve resposta.

O horário de trabalho desses fonoaudiólogos:

- 8h (8h – 12h / 13h30m – 17h30m)
- Das 7h30m às 11h30m e das 13h30m às 17h30m, mais duas horas diárias (extras)
- 8h
- Das 7h30m às 17h30m (faz mais horários por estar na chefia)
- 20 horas semanais (Segundas e Quartas-feiras pela manhã e Sextas-feira, período integral)
- Alternado – 24 horas.

A relação do Estado (Órgão Público) e a instituição em termos de investimento de recursos e benefícios:

- “A Educação recebe muita verba de outros Órgãos, não sendo somente o Municipal. As outras Secretarias não recebem, não têm falta de investimentos: Computador, Acessoramento Técnico, Cursos, etc. Em termos de benefícios, é bom mas tem poucos funcionários; os benefícios são da Lei vigente: Décimo-terceiro salário, férias, emprego estável, aposentadoria, assistência médica, estabilidade”.

- “Quanto a investimento de recursos, teve no passado, mas atualmente, não há investimentos esperados. Vivemos a “Lei da sobrevivência”. Existe a Descentralização – conseguem comprar algum material. “Tiram material do próprio material”. O Serviço Público traz o trabalho garantido; com a equipe, se desenvolve um bom trabalho”.

- “Há períodos em que há grande investimento de materiais, cursos, etc. Vemos a necessidade de Cursos específicos mais freqüentes”.

- “Os recursos estão vindo com mais facilidade, mas são escassos”.

- “Há investimentos (programas); há grande burocracia e falhas. O Fundo Rotativo é muito baixo (mais ou menos R\$ 200,00 – duzentos reais). De manhã, aula e à tarde tem contraturno. As despesas então, são em dobro; o que recebem é a metade. Os empresários ajudam; os alunos almoçam no Colégio. Alguns professores são do Estado e outros, contratados. Não tenho benefícios médicos, etc”.

- “O Estado cede professores e auxilia no pagamento dos técnicos”.

Como a Fonoaudiologia é considerada na instituição:

- “Considerada de suma importância dentro da escola, porém existe muita necessidade. Na área educacional é muito valorizada. O que existe é pouca valorização financeira”.

- “Não é considerada no contexto de Serviço Público. No núcleo em que trabalha, é valorizada por toda a equipe; os professores pedem orientações. É bem vista”.

- “Atualmente, com a inclusão do portador de deficiência, a Fonoaudiologia passou a ser considerada imprescindível no atendimento às crianças”.

- “É importante dentro do quadro de funcionários, na equipe multidisciplinar”.

- “É muito valorizada e solicitada, existe uma troca muito grande, participa do Conselho de Classe. Sente que só a Audiologia não satisfaz, precisava atuar na fonoterapia. Pessoas de fora da escola podem fazer exames audiométricos – os clientes pagam apenas uma taxa simbólica”.

- “Como parte da equipe interdisciplinar”.

Sobre a participação dos pais na arrecadação financeira em prol da instituição:

- “Os pais ficam à vontade para colaborar, há extrema carência financeira; a fonoaudióloga às vezes dá vale-transporte ao paciente para vir ao atendimento. A taxa é R\$ 6,50 (seis reais e cinquenta centavos), mas os pais não tem condições de pagar essa quantidade. Se promove Bazar e existe uma Associação de profissionais do Centro de Atendimento”.

- “Têm uma contribuição voluntária, mas pela renda familiar, não há contribuição. Os funcionários pagam vale-transporte e alimentação para os pacientes. Têm muitos usuários de droga e catadores de papel. Uma empresa dá cestas básicas e outra, alimentos”.

- “Os pais são esclarecidos da necessidade de participar para arrecadar fundos, no entanto, quase não há contribuição nesse aspecto”.

- “Existe uma Associação (ARPC) que faz promoções beneficentes. Os pais e funcionários participam para as festas de Páscoa, etc em prol dos funcionários”.

- “Há contribuição voluntária para a A.P.M. (Associação de Pais e Mestres). Sempre há festas Juninas, Bingo. O destino da verba é decidido pelo Conselho, onde participam alunos, pais, professores – estes são escolhidos”.

- “Quando há campanhas”.

As funções, formações e quantidade de funcionários na Instituição:

- “Este é o menor Centro: Há Secretaria e Direção, na Avaliação Psicoeducacional há uma psicóloga e uma pedagoga; Serviço Social, Psicopedagogia em deficiência visual e auditiva, uma fonoaudióloga, além de mais uma profissional dessa área que faz horas-extra; pessoal da limpeza e lanche”.

- “Anteriormente, haviam profissionais do Magistério que trabalhavam em outras áreas (com Formação Superior); o professor fazia meio-período no Magistério e meio-período como fonoaudióloga ou psicóloga, etc. Na equipe há uma fonoaudióloga, quatro psicólogas (mais uma que faz avaliações), uma fisioterapeuta, uma pedagoga que faz 20h semanais, mais uma que faz 40h semanais, uma reabilitadora auditiva, uma reabilitadora visual, uma assistente social, duas pedagogas de avaliação, um profissional para apoio técnico pedagógico, uma diretora, duas profissionais para a limpeza, uma funcionária de uma empresa de alimentos (Risotolândia). Obs.: O pessoal da limpeza e da Risotolândia são tercerizados; isto melhorou a situação, pois se não estão satisfeitos com o profissional, demitem o mesmo”.

- “Quatro pedagogas que fazem 20h semanais, uma fisioterapeuta de período integral, dois professores especializados em Deficiência Auditiva que fazem 4h diárias, dois professores especializados em Deficiência Visual (também faz 4h diárias), uma fonoaudióloga (40h semanais), duas psicólogas de período integral, duas duplas de profissionais nas áreas da Pedagogia e Psicologia para realizar avaliações”.

- “Dois neuropediatras, oito pediatras, seis ortopedistas, três oftalmologistas, um cardiologista, um otorrinolaringologista, sete fisioterapeutas, quatro fonoaudiólogos mais um chefe (coordenador), quatro terapeutas ocupacionais, sete psicólogos, quatorze pedagogos, três assistentes sociais, três enfermeiras, cinco dentistas, cinco auxiliares de enfermagem, um psiquiatra, dois PHDs (técnicos em higiene dentária), duas cozinheiras, duas profissionais da limpeza por andar (são

sete andares), acenssora, pessoal da secretaria (Administração), profissionais da Secretaria e Ministério da Saúde, além da Funpar”.

- “Trinta professores (Educação Infantil até 8ª série) – todos com formação superior ou Especialização); instrutores (surdos que não são professores e atuam em sala-de-aula – três fazem faculdade); há professores surdos, pessoal da limpeza, cozinha, uma pessoa responsável pela manutenção, um porteiro, duas secretárias, pessoal da Direção, dois coordenadores, uma psicóloga, um médico otorrinolaringologista, assistente social, uma fonoaudióloga (na área de Audiologia). Antigamente, haviam três fonoaudiólogas”.

- “Uma assistente social, uma psicóloga e duas fonoaudiólogas”.

Sobre a demanda de pacientes e fila-de-espera. O profissional consegue atendê-la?

- “Não consegue. A fonoaudióloga atende 32 casos por semana. Há 40 pacientes na fila-de-espera. Há muito tempo, a equipe de fonoaudiólogas tenta que se abram mais Concursos. Os recursos da APPF quer contratá-los, sem gastos do Governo. Na área social, muita pobreza. Uma observação feita: “Na prática fonoaudiológica, não há “língua hipotônica”, pois a língua não tem tônus. Hoje, existem três áreas de atuação da Fonoaudiologia: Área neurológica (a família vai querer esses atendimentos); Área de Audiologia e Área da voz”.

- “Não consegue, há fila-de-espera. São atendidos 39 pacientes”.

- “Não. Dependendo da área (Fonoaudiologia, Psicologia e Pedagogia), a fila-de-espera fica cada vez maior. Na Fonoaudiologia, são atendidos 32 casos semanais. Nos Centros Especializados, 160 casos são atendidos em média”.

- “Consegue atender. As terapias foram delimitadas por idade: 0 a 5 anos. Os outros são encaminhados para Escolas Especiais. As terapias atendem 60

casos; 150 casos para a Reeducação Visual. Há 7.000 (sete mil) pacientes cadastrados; 1.000 (mil) bebês de risco. No Centro, 5 fonoaudiólogas atendem de 7 a 8 pacientes diários por período”.

- “Consegue atender. Não há fila-de-espera. São atendidos 203 alunos. Não há fonoterapia, apenas atendimentos na Audiologia. Atendem-se famílias e professores”.

- “Sim. São atendidos 180 alunos aproximadamente. São 2 fonoaudiólogas que atendem 90 pacientes cada uma”.

Trabalhadores voluntários na Instituição:

- “Não há”.

- “Não há, nem estagiário. Estão tentando musicoterapeutas, mas não há supervisão sistemática. Na Educação Especial, os professores ganham 30% a mais que os outros professores”.

- “Não”.

- “Não”.

- “Sim. Pessoas Físicas: Profissional de Marketing, uma adolescente que dá aulas de Artes e Pintura. No passado, já tiveram médicos, advogados, etc”.

- “Atualmente, sem voluntários atuantes. Mas existe o “Programa de Voluntariado”.

A valorização da Fonoaudiologia no Contexto Público:

- “Desvalorização, falta de Concursos Públicos e a questão da Terceirização. A Política em si não valoriza”.

- “Não há incentivo nem da própria categoria. Uma pessoa apenas do Conselho de Fonoaudiologia se dispôs em ajudar, isso em 12 anos. Em Brasília, não se vê disposição. Há necessidade do dobro de fonoaudiólogos e também na área educacional, mas as que têm fazem o máximo. As Fonoaudiólogas aqui nos Centros, fazem TUDO. Na área educacional, essa fonoaudióloga dá Cursos e pagam muito pouco. Nas “Semanas de Estudos Pedagógicos” conseguiram trazer um fonoaudiólogo para fazer palestra”.

- “Acredito que como o número de profissionais nesta área seja mínimo, acaba não aparecendo o nosso trabalho. Na Secretaria de Educação, já somos reconhecidas e valorizadas”.

- “No centro em que trabalho, a preocupação da Fonoaudiologia não é a mais importante. O centro é o único do Estado. A preocupação dos pais é de que seus filhos “andem”, etc.

- “Teoricamente, é valorizada. Até que ponto esses interesses não vão para as ações? A prática não acontece, por motivos políticos”.

- “Ainda há necessidade de maior conscientização por parte dos Órgãos Públicos, e maior número de profissionais”.

Como consiste a prática profissional, a metodologia que é aplicada e os fundamentos teóricos:

- “Não há linha específica”.
- “Não há metodologia específica; recorre à coisas novas, além da faculdade. Recorre a estudos na área da Educação”.
- “Consiste em avaliar cada criança, fazendo um parecer e planejamento específico de cada criança. Faz atendimento, dando ênfase na estimulação e estruturação da Linguagem Oral e Articulação. Faz leitura e trocas com fonoaudiólogas da Educação”.
- “Preparação do tônus e adequação dos movimentos normais; inibição dos padrões reflexos. Utiliza o Sociointeracionismo, mas a base é o Método Bobath”.
- “Bilingüismo; a Secretaria da Educação tem um material específico, coerente. A fonoaudióloga se baseia em autores como: Carlos Sanches, Carlos Sclier e Sueli Fernandes”.
- “Realização de exames audiométricos, atendimentos a pais, adaptação e treinamento de A.A.S.I. (Aparelho de Amplificação Sonora Individual). No caso da Audiologia, toda a teoria do Curso e participação contínua em Congressos, Encontros e Cursos de atualização”.

Há Interdisciplinaridade no trabalho? – Como se dá esse processo:

- “Há interdisciplinaridade. Os atendimentos transcendem “a sala”: atendem os professores e as famílias. Existem reuniões de estudos-de-caso. Teve Supervisão (contrato particular) em Interdisciplinaridade. Não foi concluída por falta de tempo”.

- “Duas vezes por ano faz estudos-de-caso para encaminhamentos. A Inclusão da pessoa deficiente precisa acompanhamento para ver se não há regressão do caso. Em relação ao Conselho Tutelar, há reuniões nas Sextas-feiras; há estudos-de-caso internos. Trocam idéias sobre encaminhamentos médicos e suas devolutivas; o tempo todo fazem trocas. Há crianças que fazem 4 atendimentos por dia”.

- “Sim. Quando existe necessidade, fazem estudos-de-caso e nas Sextas-feiras, entram em contato com as escolas (a equipe)”.

- “Sim. Uma vez por semana, existe estudo-de-caso e trocam idéias constantemente”.

- “Sim. Reuniões uma vez por semana com a Coordenação e a Direção. Trocam idéias sempre”.

- “Atendimento aos alunos em equipe, discussão de casos, avaliação e diagnóstico”.

As Teorias do Curso de Fonoaudiologia condizem com a prática terapêutica?

- “Não”.

- “Não. A prática (experiência) é que ensinou, até mesmo à nível de diagnóstico. O que interessa é a prática”.

- “Como já estou formada há 16 anos mais ou menos, muita coisa mudou. Assim, procuro me atualizar em Cursos, leituras e Supervisões”.

- “Não, principalmente na fase atual”.

- “Não, para a Educação de Surdos. Na parte da Audiologia (técnica), sim”.

- “Sim”.

O espaço físico da Instituição para atuar como fonoaudióloga (o):

- “O centro é muito pequeno. A sala é boa; tirei um armário grande que tomava muito espaço”.

- “A sala é muito boa, está ideal. Anteriormente, era impossível responder dessa forma”.

- “A sala é adequada, com equipamento e materiais solicitados”.

- “A sala da Fonoaudiologia é ideal, mas o espaço é muito vertical (prédio); precisa ser adequada mais horizontalmente”.

- “Foram reformadas algumas salas. A sala não é ideal, é toda açarpetada (para pessoas alérgicas não é bom). Mas o espaço da escola é muito bom”.

- “Sala para o serviço e cabine audiométrica com amplo espaço”.

Os maiores problemas que enfrentam no trabalho e as possíveis soluções:

- “O maior problema é o encaminhamento para exames ou atendimentos médicos, que não tem aqui. O único lugar é o Hospital de Clínicas; atendimentos com Ortodontia e Otorrinolaringologia não têm. Consegui um médico particular que se propôs atender gratuitamente um paciente”.

- “A comunidade é doente, os profissionais “apagam incêndio” (tentam consertar o que podem); há dificuldade de Alfabetização. Querem reconhecimento profissional, pois as crianças recebem atendimentos semelhantes aos particulares; atendem famílias, escolas, etc”.

- “Não enfrento grandes problemas específicos da nossa área. As dificuldades que enfrento dizem respeito ao Sistema como um todo, e não são tão simples de resolver”.

- “Dificuldade de material, carência sócio-econômica dos pacientes. Consegue-se sanar as dúvidas com os colegas de trabalho”.

- “A maior dificuldade é a burocracia para conseguir recursos do Estado. A clientela é muito carente (pobre). Os contatos ficam difíceis por não ter telefone para contato, etc”.

- “Dificuldades com os pais, mas facilmente resolvido através de reuniões e / ou orientações individuais”.

6.2. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Pelas respostas a todas as questões colocadas, ficam claros alguns aspectos já colocados na pesquisa teórica.

As duas Universidades do Curso de Fonoaudiologia (Tuiuti e PUC) aparecem, e algumas opiniões variam, de acordo com a Instituição Formadora, principalmente em relação às linhas teóricas. A idade dos fonoaudiólogos é semelhante e se formaram quase na mesma época. Uma coincidência é que o tempo de atuação nos Centros e Instituições é praticamente o mesmo, até porque, não houveram mais Concursos na área da Fonoaudiologia, desde 1992. Isso vai ao encontro de todas as observações já feitas, sobre a ausência de Concursos Públicos para fonoaudiólogos.

As duas entrevistas que foram realizadas como questionários e enviadas mais tarde, pessoalmente e via FAX, foram mais sucintas e os dados não foram tão precisos quanto os outros, obtidos pessoalmente.

Há uma dificuldade de separação entre as Secretarias de Educação e Saúde na efetivação dos fonoaudiólogos. É necessário que se definam mais profissionais em cada uma delas, para que a situação de carência em que se encontram possa ser solucionada.

A demanda principal nas escolas é a atuação em Distúrbios de aprendizagem e os Centros Especializados estão vinculados diretamente a elas, o que deixa a desejar os atendimentos públicos em Educação Especial, propriamente ditos. A deficiência auditiva tem tido mais assistência e acompanhamento, do que as outras deficiências, se tratando de Órgão Público como o Estado.

As especializações são efetivamente importantes, mas a prática fonoaudiológica irá amparar esse profissional, através de seu vínculo com o paciente e suas experiências. Porém, não se pode esquecer que a prática sem teoria torna-se alienada e não consegue acompanhar o avanço científico.

A maioria dos atendimentos ocorre com crianças e adolescentes. Os adultos com deficiência ficam em segundo plano, até nas instituições especiais, que geralmente delimitam faixa etária.

Em relação aos Concursos Públicos, a questão ficou óbvia que não existem e não se pretende realizá-los; não são valorizados para esta área, tanto no nível de

Prefeitura (Municipal), como de Estado (Estadual). Analisando por exemplo a situação da cidade de Curitiba, com aproximadamente sete fonoaudiólogos concursados apenas e desde 1992 não ocorreram mais concursos. Já em Araucária, uma região metropolitana da mesma, já conta em média com vinte fonoaudiólogos concursados. Outras regiões, como São José dos Pinhais também fizeram concursos públicos durante esses anos.

Uma questão que foi apresentada e é muito preocupante, é a da “Política da Terceirização”. Com pouquíssimos profissionais da Fonoaudiologia efetivados, esses ainda sofrem ameaças de que seus atendimentos sejam terceirizados. À partir disso, qual é a esperança de que os Órgãos Públicos se preocupem com a necessidade de mais atendimentos e possíveis contratações? Ainda há que se notar que os salários não são aumentados. Serviços de outras repartições, como de limpeza e outros já são terceirizados, o que nos faz refletir que o povo carece cada vez mais de efetivações e serviços.

A demanda dos pacientes realmente não é atendida totalmente. Com a média de 32 a 40 casos atendidos nos Centros Especializados, como ficam os outros casos que precisam ser atendidos? E a frequência dos pacientes que já estão sendo atendidos é comprometedora devido à situação econômica, além de outros fatores; vale questionar a motivação dos mesmos em participar das sessões terapêuticas.

A clientela é extremamente pobre; haveria necessidade de mais emprego, mais envolvimento dos Órgãos Públicos. Uma situação absurda colocada é a de que os profissionais pagam vales-transporte para que seus poucos clientes compareçam aos atendimentos. E o investimento da Prefeitura e do Estado para que os alunos tenham um mínimo de dignidade e respeito? Há carência de tudo: De profissionais (o número de fonoaudiólogos é de aproximadamente sete profissionais em Curitiba como já foi colocado), de recursos e outros. Os profissionais reforçam a questão das contribuições das famílias, concordando com as taxas pagas pelas mesmas, além de realizar pagamentos para seus pacientes. Pressionam as famílias a refinanciarem o que já pagaram com impostos. O Serviço Público, quando cobrado, fere o princípio da gratuidade. O descompromisso do Poder Público ocorre na reprodução desta postura entre os profissionais. Significa que o profissional da área pública contribui para a privatização dos seus serviços, mantendo essa postura.

Existe uma insegurança pessoal e profissional devido a essa situação onde eles mesmos colaboram para que aconteça.

O fonoaudiólogo que se efetivou ou que está atuando em uma instituição, geralmente é valorizado, pois se envolve no trabalho, fazendo até aquilo que não lhe compete fazer. Faz tudo por profissionalismo mesmo. Segundo o resultado das questões formuladas e observações afins, este profissional não conta com muitos benefícios dentro do Serviço Público, pois não há benefícios médicos e outros, além de não haver reajustes salariais.

Uma observação feita em relação aos investimentos de materiais é de que há ausência de apoio da área pública, de forma geral e principalmente quanto aos materiais terapêuticos. O espaço público existe, mas não é suficiente para a execução dos atendimentos.

A interdisciplinaridade nesses locais realmente acontece; percebe-se um vínculo muito bom entre a equipe multidisciplinar. O diálogo e as trocas são bem marcantes em todos eles. Existem profissionais bem diversificados nas equipes. Isso facilita muito o trabalho, pois fazem estudos-de-caso sempre. A área educacional tem sido a mais importante nestes locais entrevistados.

Geralmente, as instituições contam com mantenedoras e outros serviços de auxílio. Sem estes, seria impossível a realização dos poucos trabalhos que são executados.

Uma conclusão dessa pesquisa sobre o Curso de Fonoaudiologia, é que este não dá suporte teórico para a prática fonoaudiológica. O papel das universidades é ampliar o conhecimento científico para que o profissional formado faça sua própria escola.

Quanto ao local de atendimento, geralmente estes profissionais estão satisfeitos. O espaço é “construído” pelos mesmos.

Os encaminhamentos de pacientes para a área médica tornam-se muito difíceis, justamente pela falta de recursos e investimentos dos Órgãos Públicos. Coloca-se novamente a das verbas, da não priorização na Saúde e Educação, etc. São questões seríssimas, que estão afetando todos os locais de atuação.

A preocupação dos profissionais da Fonoaudiologia, é que frente à toda a situação de falta de recursos, a qualidade dos atendimentos permaneça íntegra.

Existe um esforço enorme para que isso ocorra. Até horas-extras são feitas para que se mantenha um padrão de atendimentos mais coerente.

Em duas entrevistas realizadas com fonoaudiólogas que atuam em Deficiência Auditiva, estas não são concursadas. As instituições que não são vinculadas diretamente aos Órgãos Públicos, vivem na dependência de suas mantenedoras. As empresas e outros locais terceirizados auxiliam na manutenção dos atendimentos e na “sobrevivência” da clientela, que geralmente é extremamente carente.

O trabalho voluntário não é freqüente.

A Secretaria da Saúde fornece muito poucos profissionais da área da Fonoaudiologia, o que deixa uma demanda muito grande de clientes à espera de atendimentos. Uma das entrevistas realizadas, onde o profissional não entrou na Instituição por Concurso, mas depois foi efetivado, pode-se afirmar com este fato, que praticamente é uma exceção no quadro da Fonoaudiologia.

A área da Audiologia (técnica) permite que se atendam pacientes numa rotina diferente da fonoterapia. A última precisa de atendimentos constantes e à longo prazo. Nesse sentido, a primeira é uma área mais fácil de ser trabalhada, já que lida apenas com a aplicação de exames mecanizados.

VII. CONCLUSÕES

Foram abordados nesse trabalho de pesquisa o significado e a importância da Fonoaudiologia, tanto teoricamente, como na prática. A base de seu estudo é a Linguagem. Opiniões de autores e influências sobre a mesma também foram colocados. Sua dimensão teórica, suas relações com a Educação Especial e na interação humana, de forma geral.

Um questionamento aprofundado da área de tratamento das lesões neurológicas foi realizado, além de situações em que os fonoaudiólogos se encontram enquanto profissionais de uma prática essencial na vida do ser humano. Precisam indagar, questionar e avaliá-la, para que não se percam em “dizeres” apenas, mas que sua prática tenha suporte real e concreto e sejam claros.

O Sistema Capitalista e o Neoliberalismo na historicidade da Fonoaudiologia não podem ser esquecidos. As conseqüências desse sistema marcarão a prática fonoaudiológica no Sistema Público e Privado.

A desvalorização do Sistema Público em suas gestões em relação à contratações de fonoaudiólogos para atender a demanda gigantesca existente, é algo muito forte na sociedade. Há que se ter mais profissionais para atendê-la e suprir suas necessidades. As entrevistas que foram realizadas com fonoaudiólogos da Rede Pública demonstraram claramente a emergência desses profissionais e a necessidade de valorização dessa profissão, esquecida e desamparada realmente.

O povo está cada vez mais carente de tudo: Os investimentos na Educação e Saúde tem sido miseráveis. Atitudes drásticas precisam ser tomadas em breve. Os Órgãos Públicos desconsideram as políticas sociais básicas por uma opção político-ideológica neoliberal, não porque desconheçam a sua importância. A sociedade mais ampla em sua luta política por seus direitos dará conta desse embate.

As Escolas Especiais integralmente públicas são raríssimas, segundo a autora Miranda (1997), como se observou neste trabalho.

Um fato interessante é de que o trabalho visou, praticamente em todo o seu conjunto, analisar a situação das Escolas Especiais. Mas a carência da instituição pública de um modo geral (não especificamente a Especial) já se encontra em situação deprimente, quanto mais as outras.

Enquanto não houver esta verdadeira conscientização da importância desses atendimentos na equipe médica e escolar, a Fonoaudiologia permanece estagnada e sem chances de se desenvolver e crescer; para isso é preciso uma transformação total, onde parte dos investimentos e recursos dos Órgãos Públicos (tanto da Prefeitura como do Estado), sejam revertidos para essa área.

VIII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação do desemprego têm como uma de suas causas o descompromisso do Estado com as áreas sociais, agravando-se a questão com a privatização de órgãos públicos. O corte de gastos sociais, as dívidas públicas e seu conseqüente pagamento, têm o objetivo de reduzir o déficit público.

O esquema do neoliberalismo, como foi explicitado, é a restrição do gasto público. Nessas condições, onde há grandes falhas nos programas sociais BÁSICOS, como se “encaixaria” aí a Fonoaudiologia nesta sociedade?

Como ciência que estuda a Linguagem, seu valor real está em sua inserção nas outras áreas, que a utilizam constantemente. Esta Linguagem faz parte das nossas vidas enquanto participantes do desenvolvimento humano. Já temos contato com a mesma desde o período pré-natal, e, crescendo, passamos pela estimulação e aperfeiçoamento da mesma, sem que uma ciência específica faça com que isso ocorra ou não.

O papel do fonoaudiólogo precisa ser definido e questionada sua atuação em todas as áreas nas quais se envolve. Deve ser clarificado para pessoas leigas e profissionais diversos. O fonoaudiólogo precisa tomar consciência de sua prática e retomá-la, não a considerando como um “universo isolado”; rever sua estrutura acadêmica e realizar uma retrospectiva sobre o assunto é o principal começo. Não ficar apenas no “dizer teórico” ou até mesmo no que se conhece na prática sem questioná-la nem mudá-la; não considerando-a como “verdade absoluta” pois foi sempre assim o que se aprendeu.

Construir um novo lugar, começar do início. Talvez haja, à partir daí, chances de efetivação nas instituições, não para poucos que dominam o sistema, se acomodando e não questionando sua posição porque está intacta e “não incomoda ninguém”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Antonio – **Fonoaudiologia Geral**, Enelivros, 3ª Ed., 1982, capa e Apêndice.

BRASIL. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999 (regulamenta a Lei 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência).

CAPPELLETTI, Isabel Franchi – **A Fonoaudiologia no Brasil; reflexões sobre os seus fundamentos**, Cortez Editora, 1985, p. 12 a 68.

FRIGOTTO, Gaudêncio – **A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais**. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, 18 (2), jul./dez 1993, p.63-72.

LAURELL, A.C. (Org.) – **Estado e Políticas Sociais no Neoliberalismo**, Cortez Editora, 1997, 2ª Ed., p. 151 a 176.

LOPES, Antônio (Direção Editorial) – **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**, Novo Brasil Ed. Ltda, 30a Ed., 1989, p. 345.

LURIA, Leontiev, Vygotsky e outros – **Psicologia e Pedagogia – bases psicológicas da Aprendizagem e do Desenvolvimento**, Ed. Moraes, 1991, p.77 a 94.

MIRANDA, Sônia Guariza – **Inclusão Escolar da Pessoa com Necessidades Educativas Especiais: Argumentos Técnicos para uma Discussão Política...** Ou vice-versa, Curitiba, Debatextos nº 4, Departamento de Planejamento e Administração Escolar /Setor de Educação – UFPR, Out. 1997, p.4 a 18.

MIRANDA, Sônia Guariza – **Proposta Inclusiva Do Governo Do Paraná Para Pessoas Com Necessidades Especiais Mostra Sua Face Perversa: Os Exames Classificatórios**, Curitiba, Debatextos nº 4, publicação do Setor de Educação da UFPR, 1997, p. 44 - 47.

MONTEIRO, Regina Clare – **A Pesquisa Qualitativa como Opção Metodológica**. In: **Proposições**. Rev. Quadrimestral da Fac. de Ed. Unicamp. Campinas, SP, Ed. Cortez, nº 5, Agosto/1991, p. 27 – 34.

SEVERINO, Antônio Joaquim – **O uno e o múltiplo: o sentido antropológico do interdisciplinar**. In: **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. Ari Paulo Jantsch e Lucídio Bianchetti (orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p.159 – 175.

VIGOTSKY, L.S. Luria, A.R.; Leontiev, A.N. – **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**, Cone Editora, 5ª Ed, 1994, p. 25 a 35.

_____. **A Formação Social da Mente**, Martins Fontes, 1994, p.38 a 178.

ANEXOS

Entrevista semi-estruturada sobre a atuação da Fonoaudiologia na instituição pública

I. Identificação

Nome:

Profissão:

Idade:

II. Formação

Instituição Formadora:

Ano e local da Instituição Formadora:

III. Instituição em que atua:

Qual é o histórico da Instituição?

IV. Atuação

Locais de trabalho anteriores:

Tempo de trabalho:

Áreas atuadas:

Especialização:

Clientela trabalhada (crianças e/ou adultos; patologias):

Qual a metodologia aplicada?

Sobre o Concurso Público e efetivação: Qual foi o numero de vagas quando fez o Concurso?

Expectativas da profissão na prática institucional:

Horário de trabalho:

Como considera a relação Estado (Órgão Público) e a instituição em termos de:

-Investimentos de recursos;

-Benefícios

Como a Fonoaudiologia é considerada na instituição?

Qual a frequência de concursos públicos, desde o seu ingresso?

Os pais dos pacientes participam da arrecadação financeira em prol da Instituição?

Enumere as funções e respectivas formações da equipe de funcionários na Instituição, citando a quantidade de profissionais.

Essa equipe de profissionais consegue atender a demanda de pacientes? Há fila de espera?

Quantos pacientes são atendidos?

Na instituição, há trabalhadores voluntários? Quantos, quais e as suas funções?

Quantas (os) fonoaudiólogas (os) atuam na instituição?

Qual é a média de casos atendidos por profissional?

Como percebe a valorização da fonoaudiologia no contexto público?

Em que consiste sua prática profissional? (metodologia aplicada).

Quais os seus fundamentos teóricos?

Há interdisciplinariedade no seu trabalho?

Como se dá esse processo?

As teorias do Curso de Fonoaudiologia condizem com a prática terapêutica?

Como é o espaço físico da instituição para atuar como fonoaudióloga (o)?

Quais são os maiores problemas que você enfrenta em seu trabalho? Como esses problemas podem ser resolvidos?